

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
**Centro de Ciências Biológicas e da Saúde**  
Programa de Pós Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento

**FRANCISCO CONEJERO PEREZ**

**GUIAS DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: ESTUDO  
EXPLORATÓRIO DE MOTIVAÇÕES PRESENTES NESTA RELAÇÃO**

**SÃO PAULO**  
**2008**

**FRANCISCO CONEJERO PEREZ**

**GUIAS DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: ESTUDO  
EXPLORATÓRIO DE MOTIVAÇÕES PRESENTES NESTA RELAÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em distúrbios do desenvolvimento, sob orientação da Profa. Dra. Elisabeth Becker.

Linha de pesquisa: políticas e formas de atendimento à pessoa com deficiências.

**SÃO PAULO  
2008**

**FRANCISCO CONEJERO PEREZ**

**GUIAS DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: ESTUDO  
EXPLORATÓRIO DE MOTIVAÇÕES PRESENTES NESTA RELAÇÃO**

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Dra. Elisabeth Becker  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Profº Dr. Waldir Carlos Santana Santos  
Laboratório Interunidades para estudo das Deficiências  
Universidade de São Paulo – LIDE-SP

---

Profª. Drª. Sueli Galego de Carvalho  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

P438g Perez, Francisco Conejero

Guias de atletas com deficiência visual: estudo exploratório de motivações presentes nesta relação. / Francisco Conejero Perez. - - São Paulo, 2008.

102 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

Orientação : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Elisabeth Becker.

Bibliografia: p.: 60 - 63

1. Guias de atletas com deficiência visual. 2. Práticas esportivas e deficiência visual. 3. Aspectos motivacionais  
I. Título.

CDD: 616.8588

Atletas-guias são esportistas que doam sua luz para que a luz de outros atletas também possa brilhar. (Revista Sentidos. ed. Áurea, n. 29, p.12, jun 2005)

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>a</sup> Dra. Elisabeth Becker, especialmente, que orientou esse trabalho com muita dedicação, garra, entusiasmo, vibração, compromisso e paciência, ensinando-me, dentre vários assuntos, que, apesar das dificuldades encontradas, as facilidades também permeiam o nosso caminho.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Waldir Carlos Santana Santos que, com profissionalismo e atenção, realizou excelentes comentários durante a qualificação.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Sueli Galego de Carvalho que, com muita atenção, contribuiu de forma muito significativa, com idéias e literaturas adequadas.

Ao Guia Paraolímpico Fabio Dias de Oliveira da URECE - Associação de Esporte e Cultura para Deficientes Visuais, que muito ajudou e orientou no trabalho de pesquisa, incentivando e esclarecendo dúvidas acerca do trabalho dos guias.

Ao Guia Wilson Carlos Costa dos Santos coordenador do Projeto Motivar pela ajuda, fornecendo material e explicações diversas sobre o trabalho dos guias voluntários.

Ao Dr. Mario Luiz Rollo Ribeiro, coordenador do Projeto Guia Voluntário CORPORE – Corredores Paulistas Reunidos, por ter me acolhido na sede da associação, esclarecendo detalhadamente o trabalho dos guias voluntários, bem como orientando sobre legislação vigente a respeito da atividade do voluntário, com livros e manuais.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie que, através do Fundo Mackenzie de Pesquisa, financiou em parte este trabalho.

Às minhas filhas: Fernanda, Nathalia e Beatriz de Almeida Campos Perez, pela paciência e incentivo durante a realização deste trabalho.

À Prof<sup>a</sup> Glauca Castro pela valiosa ajuda na finalização do trabalho.

Agradeço também, com toda sinceridade, todos os professores do programa, que sempre foram extremamente profissionais e, ao mesmo tempo, demonstraram amizade e entendimento. Gostaria de ter espaço suficiente para escrever sobre cada um, mas, aceitem meus sinceros agradecimentos.

PEREZ, FRANCISCO CONEJERO. *Guias de atletas com deficiência visual: estudo exploratório de motivações presentes nesta relação*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008.

## **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo conhecer o perfil motivacional de guias de atletas com deficiência visual. Propõe-se a identificar, analisar e descrever, no trabalho desses guias, uma relação específica e os fatores que a sustentam. Para isso realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, o que possibilitou ao pesquisador um contato direto e, conseqüentemente, a obtenção de dados fiéis à expressão dos guias participantes, acerca de suas motivações para desenvolver seu trabalho. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com quatro guias voluntários, que desenvolvem suas atividades junto a instituições de prática esportiva de deficientes visuais. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, permitindo, além de caracterizar seu perfil motivacional, destacar a vontade de ajudar, a consciência de vivenciar situações altamente motivadoras e, principalmente, a perspectiva de reconhecimento social que os guias experimentam e compartilham com o atleta com deficiência visual. Ressalta-se que a valorização pessoal experimentada em momento algum mostrou-se vinculada à visão de aspectos negativos em seu parceiro, sendo, ao contrário, extremamente críticos em relação a algumas manifestações preconceituosas que já vivenciaram em situações de competição. Os dados mostraram ainda, que as dificuldades descritas referem-se predominantemente à movimentação corporal com sincronia, destacando, portanto, um conteúdo vinculado à atividade física, objetivamente presente na prática esportiva. Em uma visão que privilegia elementos da compreensão psicológica do desenvolvimento da pessoa com deficiência visual, observaram-se riscos de estabelecimento de distorções relacionais que imprimam um laço superprotetor e, conseqüentemente, desfavorecedor da expressão mais criativa e adequadamente independente do atleta que estão guiando.

*Palavras-chave:* Guias de atletas com deficiência visual; práticas esportivas e deficiência visual; aspectos motivacionais.

PEREZ, FRANCISCO CONEJERO. *Guides of blind and visually impaired athletes : an exploiting study of motivations present in this relation*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008.

## **ABSTRACT**

The objective of this study is to know the motivational profile of the guides that work with blind and visually impaired athletes. It aims to identify, analyze and describe a specific relation in the work of these guides and the factors that support it. A research of qualitative nature has been made in order to make it possible for the researcher to be in direct contact with the guides and, therefore, obtain accurate data about their motivations. A semi-structured interview has been made with four volunteer guides that work with blind and visually impaired athletes. The data have been submitted to an analysis of content in order to characterize their motivational profile, as well as their aim to help athletes, the consciousness of facing high motivational situations and mostly the perspective of social recognition that they experience and share with the blind and visually impaired athletes. This study emphasizes that the personal valorization experienced is not related in any way to the view of negative aspects in the partners. On the other hand, they are extremely critics in relation to some prejudiced manifestations they have faced in situations of competitions. The data also show that the described difficulties are related exclusively to the corporal movements with synchronism, pointing, thus, a content related to the physical activity, present, objectively, in the sporting events. In a view that privileges elements of the psychological comprehension of the development of the blind and visually impaired, risks of the establishment of relational distortions that imprint a hyper-protective bond and, consequently, disfavor the most creative and adequately independent experience of the athlete they are guiding could also be observed in the data.

Key-words: guides of blind and visually impaired athletes; sports events and blindness; motivational aspects.



## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 1 .....</b>	<b>22</b>
<b>IMAGEM 2 .....</b>	<b>26</b>
<b>IMAGEM 3 .....</b>	<b>28</b>
<b>IMAGEM 4 .....</b>	<b>36</b>

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	<b>13</b>
2.1. GERAL .....	13
2.2. ESPECÍFICOS .....	13
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>14</b>
3.1. A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL E A PRÁTICA ESPORTIVA .....	14
3.1.1 – A prática esportiva por deficientes em geral .....	14
3.1.2 – A deficiência visual .....	14
3.1.3 – A prática esportiva de pessoas com deficiência visual .....	15
3.1.4 – Classificação esportiva para a deficiência visual .....	16
3.1.5 – Aspectos psicológicos de atletas com deficiência visual .....	17
3.1.6 – A rotulação e os preconceitos .....	18
3.2. OS GUIAS DOS ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL .....	19
3.2.1 – Conceituando o trabalho do guia .....	19
3.2.2 – Aptidões, competências e habilidades .....	21
3.2.3 – O trabalho voluntário .....	23
3.2.4 – Algumas considerações sobre aspectos psicológicos presentes para os guias .....	24
3.3. A MOTIVAÇÃO NA PRÁTICA ESPORTIVA DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E SEUS GUIAS .....	30
3.3.1 – Motivação e práticas esportivas .....	30

3.3.2 – Síntese dos modelos motivacionais trabalhados nesta pesquisa .....	32
3.3.3 – Motivação para a prática esportiva do atleta com deficiência visual e seu guia .....	34
<b>4. MÉTODO .....</b>	<b>37</b>
4.1. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA .....	38
4.2. CUIDADOS ÉTICOS .....	38
4.3. PROCEDIMENTOS .....	39
<b>5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>40</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO 1. CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA A INSTITUIÇÃO .....	64
ANEXO 2. CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA .....	65
ANEXO 3. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS .....	66
ANEXO 4. ENTREVISTAS E COMENTÁRIOS .....	67
ANEXO 5. ENTREVISTA PILOTO .....	73
ANEXO 6. ENTREVISTA 1 .....	78
ANEXO 7. ENTREVISTA 2 .....	82
ANEXO 8. ENTREVISTA 3 .....	89
ANEXO 9. ENTREVISTA 4 .....	97
ANEXO 10. LEI DO VOLUNTARIADO .....	103

## 1. INTRODUÇÃO

A prática esportiva de atletas com deficiência visual e de seu guia tem chamado a atenção de diversas formas, principalmente em corridas de longas distâncias, onde um atleta necessita de treinamento intenso, muita técnica e preparação. O perfil psicológico não só do atleta, mas também do guia, é muito importante e características como a motivação, auto-estima, capacidade de superar frustrações, desenvolvimento da percepção, emoção e concentração, bem como a busca de qualidade de vida de um modo geral são também relevantes.

O suporte psicológico, sem dúvida, torna-se de extrema importância, pois existe a possibilidade dos problemas de ordem pessoal, fatores situacionais, tendências e reações emocionais afetarem o provável desempenho, rendimento e motivação para a competência esportiva.

Baseado na aplicação das teorias de motivação, é possível supor que um atleta com deficiência visual seja motivado por um conjunto de fatores externos, bem como por um fator interno que poderíamos chamar de auto-motivação para a prática de esportes, além de termos que levar em consideração os aspectos cognitivo, afetivo, social e principalmente, o componente motor inerente à atividade esportiva. Mas, e o guia do atleta com deficiência visual? Qual é a sua motivação específica?

A partir da minha experiência como atleta de longas distâncias e tendo participado de vários eventos dentro e fora do país (devido à função que exerço como comandante de vôos internacionais), tenho tido com isso, a oportunidade de conhecer as atividades de atletas com deficiência visual aqui no Brasil, mas

também em outros países. Exercendo também a função pedagógica concernente ao treinamento de pilotos e comissários, em que é importante orientar os tripulantes sobre como lidar com passageiros de diversas deficiências, de acordo com regulamentos de transportes aéreos estabelecidos, tive a necessidade de refletir e ampliar uma possível compreensão acerca das especificidades da qualidade de vida de pessoas com deficiências, motivo que norteou minha busca de um mestrado. Surgiu conseqüentemente, meu interesse como pesquisador em oferecer uma possível contribuição para o conhecimento e suporte científico para o trabalho de técnicos na área de psicologia do esporte, particularmente se o praticante tiver necessidades especiais em função de uma deficiência.

Em nosso meio tem se tornado cada vez mais necessárias pesquisas que possam oferecer subsídios para o trabalho com atletas portadores de deficiências, os quais têm evidenciado destacadamente sua motivação e competência em competições como as Paraolimpíadas.

Os bastidores de seu preparo, os técnicos envolvidos com o seu treinamento e a dedicação de todos, particularmente dos atletas, despertam a necessidade de conhecer mais detalhadamente a motivação dessas pessoas. Torna-se ainda mais interessante o conhecimento dessa motivação se a pessoa, sem qualquer condição de deficiência estiver diretamente vinculada à prática esportiva de alguém com deficiência, como é o caso de guias de atletas com deficiência visual.

Justifica-se, portanto, no contexto de favorecer a preparação psicológica de atletas, uma pesquisa que traga dados acerca de um trabalho tão indispensável quanto pouco revelado: o dos guias de atletas com deficiência visual corredores de longa distância.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. GERAL**

> Conhecer o perfil motivacional de guias de atletas com deficiência visual a partir das relações entre estes e os atletas.

### **2.2. ESPECÍFICOS**

> Analisar e descrever, no trabalho dos guias, o seu papel como favorecedor de aspectos motivacionais do atleta guiado.

> Identificar fatores que sustentam a permanência desses guias em atividades de esporte.

> Identificar as dificuldades vivenciadas por esses atletas, em situações de competição esportiva.

### **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1. A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL E A PRÁTICA ESPORTIVA**

##### **3.1.1 – A prática esportiva por deficientes em geral**

Segundo Weinberg & Gould (2001), a prática esportiva é baseada no estudo científico do comportamento de pessoas envolvidas nessas atividades e sua relação com o esporte e o exercício, com a aplicação do conhecimento obtido no campo da psicologia do esporte e do exercício.

Cooper (1972) observou e documentou que a depressão por parte de quem pratica esporte começa a desaparecer, pois a condição física melhora e restaura a imagem que o atleta faz de si mesmo, melhorando a sua auto-estima.

A prática de esportes por pessoas com deficiências tem deixado de ser uma atividade pertencente apenas ao âmbito de reabilitação e lazer, saindo, portanto, do caráter amador para o profissionalismo. A existência dos jogos paraolímpicos é recente, tendo aproximadamente quatro décadas. No início, apenas era permitido a participação de atletas cadeirantes. Atualmente, observam-se competições na maioria das áreas esportivas, com participantes com quase todos os tipos de deficiências (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2007).

##### **3.1.2 – A deficiência visual**

O censo demográfico brasileiro de 2000 indicou que 14,5% da população brasileira, ou seja, 24,5 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência e destas 48% apresentam deficiência visual (IBGE, 2000).

A deficiência visual abrange uma série de condições que vão desde a cegueira total, na qual o indivíduo não enxerga praticamente nada, nem mesmo a luz, até a baixa visão, que tem uma gama imensa de possibilidades.

Para Castro (2005), cegueira ou deficiência visual são termos utilizados como sinônimos no esporte. Trata-se da perda parcial ou total da visão que, mesmo após correção óptica ou cirúrgica, limita o desempenho normal de uma pessoa, na concepção deste autor.

### **3.1.3 – A prática esportiva de pessoas com deficiência visual**

Segundo Oliveira Filho et al. (2004, p.1) a prática esportiva, principalmente o atletismo, implica, para pessoas com deficiências visuais, uma troca de significados em que... *“Capacidade deve substituir as palavras que normalmente agregamos ao termo deficiência, já que ao falarmos de deficiência, o que vem logo em nossa mente é impossibilidade, incapacidade e inadequação”*. Dessa forma, o fato de existir um impedimento estrutural ou funcional da visão não significa que a pessoa, mesmo enfrentando problemas específicos para recepção, decodificação e interpretação de informações que sustentam o seu conhecimento de si e do mundo, não esteja habilitada a praticar exercícios e até competir, desde que adaptações viabilizadoras dessa prática sejam consideradas a partir do seu processo de aprendizagem. Do ponto de vista físico e psicológico, a prática esportiva regular, mesmo sem ser voltada às competições, implica, essencialmente, na busca por melhor qualidade de vida, entendendo-se esta, de uma maneira bem simplificada, como “estar bem dentro da própria pele”, considerando-se o contexto sócio-histórico-cultural no qual a pessoa está imersa.

Tais adaptações à prática esportiva de deficientes visuais deverão ser focadas nos modelos convencionais existentes. Segundo os autores Oliveira Filho et al. (2004) citados, como em todos os processos de aprendizagem de pessoas com deficiência visual, inicialmente o reconhecimento do ambiente é essencial. Para isso, pode ser (ou não) necessária a utilização de estímulos táteis, olfativos,



sonoros — ou verbais — e/ou luminosos, chegando até a utilização de guias, conforme a prática esportiva, bem como respeitando as necessidades individuais que limitam as classes visuais. Em função disto existem regras que são adaptadas pela International Blind Sports Federation (IBSA) apenas para as Classes B1 e B2. Já para a Classe B3, usa-se as mesmas regras da Federação Internacional de Atletismo (IAAF).

### 3.1.4 – Classificação esportiva para a deficiência visual

No que se refere à deficiência visual, os parâmetros para legitimar ou não a participação de uma pessoa nas competições oficiais seguem as prescrições da Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA), as quais transcrevemos a seguir:

As classes visuais reconhecidas pela IBSA são as seguintes:

- A letra “B” refere-se ao termo *blind*, que significa cego.
- B1: De nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção.
- B2: Da capacidade em reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 e/ou campo visual inferior a 5 graus.
- B3: Da acuidade visual de 2/60 a acuidade visual de 6/60 e/ou campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus (IBSA, 2007, s.p).

A mesma instituição, através de especialistas em oftalmologia, recomenda que essas classificações deverão considerar ambos os olhos, com a melhor correção.

Segundo a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (2007), todas as classificações deverão considerar ambos os olhos com a melhor correção, ou seja, todos os atletas que usarem lente de contato ou lente corretiva deverão usá-las para classificação, mesmo que pretendam usá-las ou não para competir.

### 3.1.5 – Aspectos psicológicos de atletas com deficiência visual

A condição de ser pessoa com deficiência visual não exige nem impede a pessoa de conquistar sua qualidade de vida, motivo pelo qual as práticas de atividades físicas e/ou esportivas regulares deveriam fazer parte de sua experiência vital. Dessa forma, obedecem às colocações de Abreu e Schor (2006), segundo as quais, todas as atividades físicas realizadas com regularidade, associadas à alimentação correta, proporcionam saúde e equilíbrio emocional para todas as idades, melhorando a auto-estima e a motivação. O exercício físico realizado com frequência atua sobre a tensão emocional, a angústia e a depressão devido à liberação de endorfinas após a atividade. Os autores chamam a atenção para o fato de que, sendo uma prática que pode ser realizada de maneiras lúdicas e diversificadas, permite ocorrer um engajamento de natureza social e também emocional extremamente importante para a plenitude da saúde mental das pessoas (ABREU E SCHOR, 2006, p. 172).

No Brasil, há um considerável conjunto de pesquisas destacando os fatores psicológicos que se apresentam entrelaçados às práticas esportivas que já está disponibilizado em várias publicações, inclusive na mídia eletrônica. Dentre estes *sites*, podemos destacar os que apresentam dados relativos aos estudos realizados com pessoas com deficiências, particularmente, aquelas com deficiências visuais, tais como *Efdeportes.com*, *Revista Digital*, *Confederação Brasileira De Desportos Para Cegos*, *Comitê Paraolímpico Brasileiro*, *International Blind Sports Federation – Competitions*, *Ministério do Esporte*. Além de contarmos com periódicos especializados como a *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, existem no Brasil grupos de pesquisa vinculados a essa temática. Dentre os pesquisadores destes grupos, no que se refere à psicologia, destacamos o trabalho de Samulski (2002) e Samulski e Noce (2002).

Encontramos nesses autores referências ao treinamento psicológico, aos aspectos perceptivos, emocionais, imaginativos e de criatividade presentes na experiência de prática esportiva, bem como às características de personalidade, tais como liderança, agressividade e fatores motivacionais também nela presentes.

### 3.1.6 – A rotulação e os preconceitos

Dentre vários estudiosos da situação de preconceito, selecionamos Silva (1993). Para ele é possível que as pessoas com deficiência passem, em função dessa característica, por situações desagradáveis que podem levá-las a desconfiar dos outros e até de si próprias, o que pode remetê-las a problemas de má adaptação ao cotidiano. Nas relações sociais em que alguém, em função de um atributo, é *a priori* desqualificado ou inferiorizado, estamos diante do fenômeno descrito como preconceito. Essas pessoas, vítimas de práticas preconceituosas expressas até em rotulações ( tipo: “*tadinho do ceguinho.....*”) podem desenvolver prejuízos em todo o seu desempenho, de tal natureza , que leva a outras derivações indesejáveis, ou seja, a vivências de discriminação, de segregação, chegando até a marginalização. Preconceitos são, portanto, idéias pré-concebidas, refletindo comportamentos adquiridos e apreendidos. Geralmente têm muitas ramificações sociais, que afetam não somente as pessoas com deficiência, mas a família e o ambiente, fazendo com que o individuo se perceba de forma negativa, acabando, por fim a afetar a sua idéia de mundo.

Segundo Silva (1993) frente às deficiências temos o uso de palavras impróprias que são utilizadas quase que involuntariamente, infelizmente até por parte de entidades que atendem pessoas com deficiência, sem a mínima preocupação, às vezes em tom de brincadeira ou de uma liberdade dada pelos seus próprios familiares, amigos e parentes (cf. p. 32). Silva (1993) assinala, como possibilidades de enfrentamento de comportamentos preconceituosos a atenção aos seguintes aspectos:

- O ser humano tem valor próprio, intrínseco e inalienável, com direito ao respeito de todos os seus semelhantes;
- Sua dignidade independe de raça, inteligência, idade, credo, sexo, ideologia política ou integridade física;
- Ele é o único, complexo, diferente de todos os seus semelhantes, só devendo ser considerado globalmente e nunca em partes estanques;
- O individuo tem um potencial latente que precisa ser sempre enfatizado, apoiado e fomentado;

- Todo ser humano é perfectível e tem condições de se superar;
- Ele faz parte de uma sociedade na qual deverá ter o seu papel;
- Todo individuo pode ter o seu valor econômico, como colaborador potencial no processo de produção de bens e serviços. (SILVA,1993, p. 37.)

## **3.2. OS GUIAS DOS ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

### **3.2.1 – Conceituando o trabalho do guia**

Para ler este texto, foi necessário utilizar um dos cinco sentidos. Aquele que permite a apreciação de cores e visualização do que há mais belo no planeta. Existem pessoas que doam seu tempo em trabalhos voluntários de um jeito diferente: emprestam a visão para que deficientes visuais possam ser guiados e executar atividades físicas, como a corrida, por exemplo.

*“Tirar os deficientes de dentro de suas casas, sofás e das cadeiras, além de mostrar que é possível correr, desde que estejam acompanhados por pessoas treinadas para guiá-los, são algumas de nossas intenções”,* declara o coordenador do Projeto Motivar, o professor de Educação Física Wilson Carlos Costa (Site Projeto Motivar).

Para ele, a participação integrada e inclusiva melhora a auto-estima dos alunos, confiança, postura, flexibilidade e alongamento.

Para correr, a pessoa com deficiência visual precisa de um guia que fica responsável pela orientação do atleta quanto à posição de saída, bem como à condução ao longo do percurso, em que eles devem estar lado a lado. Para guiá-lo dá a devida noção de espaço e orienta quanto a eventuais obstáculos, como

buracos, lombadas, pessoas e outros objetos que possam causar quebra no rendimento.

Retomando as tarefas com atletas com deficiência visual, o trabalho dos guias voluntários é o de “emprestar os olhos” e de ser “anjo da guarda” como eles gostam de dizer. (PROJETO MOTIVAR, 2007, s.p). Assim, do contato direto com esses corredores e seus guias em situação de competição surgiu o interesse de conhecer e compreender as motivações dos corredores que norteiam o atleta com deficiência visual.

O foco do presente estudo é descrever o trabalho dos guias, priorizando e enfocando a relação com o atleta, a sua iniciação esportiva e o seu perfil, já que se trata de um atleta condicionado para acompanhar o atleta com deficiência visual. em suas competições e treinamentos. Para tanto, buscamos conhecer características desse trabalho, bem como os aspectos motivacionais perante a escolha e inclinação para essa atividade através da literatura que será especificada a seguir.

Conforme as regras da IBSA 2005-2009, o guia é um atleta que enxerga normalmente e que corre ao lado do deficiente visual (nunca na sua frente), dando-lhe coordenadas para evitar que ele invada a raia de outro competidor. O atleta e o guia ficam unidos por uma corda ou fita flexível com tamanho máximo de 50 centímetros. Em provas de campo, o acompanhante tem a função de posicionar o atleta cego no local, além de indicar-lhe a direção correta.

Para o atleta B2, o guia é opcional, mas ele terá duas raias à sua disposição.

Já o atleta B3 não possui direito à guia e tampouco às duas raias. Os recursos auditivos e luminosos são opcionais como já descrito anteriormente.

A ilustração colocada a seguir exemplifica claramente a ligação entre o guia e o atleta com deficiência visual.

IMAGEM 1



Fonte: A Tribuna de Santos, 19ª Edição da Prova "10 km Tribuna FM", em: 09 mai 2004.

### 3.2.2 – Aptidões, competências e habilidades

O guia é um atleta que, para essa atividade esportiva, tem como base as suas aptidões, habilidades e competências, bem como conta com pontos fracos e fortes para tal prática. Consideram-se necessidades, estímulos e objetivos de vida desejados como pertinentes à verdadeira motivação para essa atividade (REVISTA SENTIDOS, 2007, cf. 14). Trata-se de um trabalho dedicado e o guia

deve ter conhecimento preciso do que significa o seu ofício e do que se espera dele, como descrito a seguir:

Profissionais que se dedicam ao trabalho com pessoas portadoras de deficiência precisam desenvolver, além da tolerância a frustrações derivadas do próprio amadurecimento, uma agudeza de percepções, estabelecendo contatos simples e realistas. Aprimorar tais qualidades, bem como possibilitar um construtivo confronto com as próprias deficiências, não são tarefas propícias a decorrerem no exíguo espaço reservado pelos cursos... (AMIRALIAN, BECKER, KOVÁCS, 1991, p. 3).

Segundo Schein (1996), em seu livro sobre as inclinações profissionais, quando uma carreira progride, a pessoa passa a ter conhecimento das suas habilidades e aptidões adquirindo um auto-conceito que vai se formando a partir da sua percepção e experiência ao longo dos anos. Tendo condições de atingir os objetivos desejados, com motivação suficiente para exercer a atividade com competência, com isso passa a ter inclinação profissional para determinada área que, no nosso caso, é a atividade esportiva do guia do atleta deficiente visual.

Entre vários tipos de referência para essas inclinações profissionais podemos destacar algumas, tais como a criatividade empreendedora, que são pessoas que possuem uma imperiosa necessidade de criar e desenvolver atividades desafiadoras. Temos também pessoas com vontade de servir, dedicadas a um ideal, o que pode vir a ser uma das propostas dos guias, colocando-se como pessoas que pensam nos valores fundamentais do trabalho, não importando o que virá de retorno e sim a vontade de melhorar o mundo de alguma forma. Seu ponto de referência é a dedicação a uma causa. Também existem pessoas que, fundamentam o seu trabalho por puro desafio e, na medida em que progredem, procuram novos desafios.

### 3.2.3 – O trabalho voluntário

O trabalho de guia de atletas com deficiência visual é, em geral, desenvolvido por pessoas que, sendo atletas, ou tendo interesse em se dedicar a isso, propõem-se a ser voluntários, segundo a conceituação explicitada para a estruturação e implementação de Programas de Voluntariado em Organizações Sociais, que traz a seguinte definição:

“voluntário fica entendido como doação espontânea e gratuita de tempo, trabalho e talento para ações que beneficiam outras pessoas e melhoram a vida de todos, representa, no Brasil de hoje, um encontro fecundo entre valores da solidariedade e da cidadania, habito do coração e virtude cívica, o voluntariado não esta mais associado a formas de ajuda unilaterais para se alicerçar nas idéias de participação e responsabilidade.” (FONSECA et al, 2001, p. 1)

Dessa forma, o trabalho voluntário exprime e amplia o capital social presente na comunidade e na sociedade. Trata-se de uma ferramenta de inclusão social. Com o voluntário todos ganham: o voluntário, aquele com quem trabalha e a comunidade. Com isso a inclusão social se realiza, mas muito tem que ser feito para que realmente a competência sobre esta atinja o nível desejado, apesar de que, recentemente, muito se tentou fazer. “*Mas no final acabou prevalecendo sempre a regulação pela benemerência e não pelo direito.*” (FONSECA et al, 2001, p. 9).

Podemos observar nos dias de hoje várias associações e inúmeras ONGs caracterizando uma atuação voluntária de ação social e espontânea, acreditando em uma mudança de ordem social e, às vezes, situando-se até no âmbito do protesto. (FONSECA et al, 2001, cf. p. 10).

A Lei 9608 (BRASIL, 1998), que regulamenta o trabalho voluntário, tem sido considerada um avanço para o desenvolvimento do voluntariado, pois ela veio atender uma das mais antigas reivindicações das organizações que tinham dificuldades em desenvolver programas devido ao fato de voluntários se alistarem apenas para caracterizar uma relação de trabalho.



Hoje temos aproximadamente 50 centros de referência de voluntariado em nosso país. São organizações autônomas e independentes, financeira e administrativamente. (FONSECA et al, 2001, p. 12). Dentre estas, inserem-se as Instituições na qual encontramos os participantes da pesquisa realizada.

### **3.2.4 – Algumas considerações sobre aspectos psicológicos presentes para os guias**

Tanto o senso comum quanto diferentes teorias psicológicas salientam que trabalhar e amar são caminhos para a felicidade e saúde mental. Dessa forma é importante na vida do homem, para confirmar a sua existência, que este consiga transformar o sofrimento, quando não é atingido o seu propósito de gratificação, em fonte de crescimento pessoal. Esse aspecto é muito presente na vida de atletas, talvez particularmente de maratonistas, que literalmente enfrentam uma feroz batalha para superar seus próprios limites e, doloridamente exaustos, porém triunfantes perante os cronômetros, ou principalmente, perante seus próprios músculos, atingem a meta de trabalho auto-proposto ao iniciar a corrida extenuante. A maratona é a mais longa, desgastante e uma das mais difíceis e emocionantes provas do atletismo olímpico e paraolímpico. Ela é disputada na distância de 42,195 km desde 1908. É tradicionalmente o último evento dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

Torna-se necessário questionar o que leva um atleta a tornar-se corredor de longas distâncias, prática esportiva tão exaustiva. Podemos pensar, amparando-nos em Vroom (1995, p. 21) que as pessoas precisam acreditar que o desempenho eficaz levará ao recebimento de uma bonificação ou à aprovação dos demais, sendo que as recompensas tem que ser atraentes. Também podemos, por parte de McClelland (2000), entender que cada indivíduo tem a tendência de desenvolver forças motivacionais como resultado do ambiente cultural onde vive e percebe o seu trabalho. Mesmo considerando-se as contribuições destes autores, ainda permanecem interrogações acerca dos motivos que levam um atleta a este tipo de desafio.

Colocado desta forma, torna-se particularmente interessante compreender e descrever as características relacionais presentes no trabalho dos atletas-guias. Para estas buscamos fundamentação em algumas reflexões derivadas do âmbito da psicanálise. Neste, a teoria winnicotiana nos pareceu particularmente propícia a ajudar a entender, através de seus conceitos básicos, aspectos da relação específica que é estabelecida entre o guia e o atleta com deficiência visual.

IMAGEM 2



Fonte: Wikipedia.

Essa possibilidade fortaleceu-se ao tomarmos contato com a pesquisa de Barreto (1998), que estudou o trabalho de acompanhantes terapêuticos relacionando-o ao clássico da literatura de Cervantes, “Dom Quixote de La Mancha”, analisando-o à luz dos conceitos de Winnicott. Embora a relação entre guia e atleta com deficiência visual seja uma relação de trabalho na prática esportiva e, portanto, essencialmente distinta da proposta terapêutica, alguns aspectos permitem considerar, para esta pesquisa, a possibilidade de semelhanças do trabalho do acompanhante terapêutico com a interação estabelecida pelos guias com atletas com deficiência visual.

Colocado em outros termos, a possibilidade de buscar elementos teóricos que fundamentassem a posterior reflexão sobre os dados a serem obtidos nessa pesquisa na perspectiva que Barreto (1998) adota, pareceu-nos uma aproximação viável e desejável. Isso ocorreu na medida em que a observação direta do trabalho desenvolvido por alguns guias ofereceu-nos a sugestão que esta relação mantém-se, por analogia, próxima das colocações winnicottianas acerca da capacidade de maternagem. Quando alguém está dependendo de outra pessoa para situar-se no mundo e para desenvolver e mostrar seu próprio potencial criativo, configura-se uma situação muito semelhante ao paradigma da relação

mãe-bebê, tão bem estudado por Winnicott (1999) e também desenvolvido aqui no Brasil, no âmbito da compreensão das especificidades do desenvolvimento do deficiente visual, por Amiralian (1997).

Para o presente trabalho assumimos a idéia de que a relação estabelecida mantém analogias com a descrição do trabalho e da relação de acompanhamento terapêutico, na medida em que a dependência do atleta para com seu guia é peculiar, devido ao fato de estarem atados não só para a concretização de um objetivo comum, e isso se expressar, literalmente, através de uma fita de cinquenta centímetros, mas, principalmente, porque essa situação implica em ocorrer uma ligação afetiva também peculiar, que nos interessa desvelar, particularmente no que se refere aos aspectos que a motivam. De qualquer modo, um aspecto fundamental desta ligação é que o guia saiba atender às necessidades do atleta que está guiando, sem jamais exceder a necessidade real de orientá-lo, protegendo-o dos obstáculos do seu trajeto.

A superproteção acarreta uma dependência que, segundo Amiralian (1997) pode ser percebida como uma constante necessidade de reafirmação, derivada da dificuldade do deficiente visual em manter uma adequada auto-estima. Isso poderá implicar em uma exacerbação do permanente conflito humano entre dependência e independência. O resultado de tais conflitos, segundo esta autora, pode levar o deficiente visual à passividade e à prontidão para cumprir aquilo que considera serem solicitações derivadas do ambiente, por medo de perda do amor e de aniquilamento, levando-o, portanto a ser apenas reativo a aspectos exteriores, desconsiderando aqueles verdadeiramente expressivos da sua natureza (*self*). Em outras ocasiões, o desejo de independência pode levá-los a não pedir ajuda, mas, como suas tentativas podem demandar um tempo muito maior de realização, *“eles tem que se haver com a impaciência e irritação dos videntes”*. (p.71).

Segundo Barreto (1998, p. 111), por sua vez apoiando-se nos estudos winnicottianos, *“uma pessoa necessita preencher a satisfação da ilusão”*. O que remete à importância de o bebê ter sido atendido em suas necessidades básicas,

pois, na medida em que este, tendo tido através de tal satisfação a ilusão de estar criando a realidade, ou seja, o mundo que o rodeia, poderá buscá-la e, através dela, alcançar a própria satisfação. A ilusão, portanto, é uma necessidade que precisa ser satisfeita; se a maternagem for exercida de uma forma inadequada, em geral por uma mãe ansiosa ou superprotetora, cria-se uma barreira para o estabelecimento deste bom contato com a realidade. É a existência da ilusão que permitirá ao ser humano uma vinculação criativa ao mundo e o oposto disso remeterá a uma situação de onipotência, ou de impotência, em que a pessoa só terá a opção de isolamento, ou de submissão à realidade, jamais chegando a experimentar a verdadeira confiança no outro.

No tocante à agressividade, Amiralian (1997, p. 72) afirma que esta é uma área onde os cegos demonstram dificuldades. Os deficientes visuais tentam inibir qualquer forma de agressividade, principalmente com pessoas de quem eles dependem, pois receiam perder o amor e favor do objeto afetivo. A agressão poderá significar o aniquilamento, pela sua necessidade de dependência por questões de segurança e, na sua fantasia, poderá aparecer como remetendo a experiências catastróficas. Segundo esta autora o deficiente visual tem muito medo de ser atacado por não possuir condições de controlar visualmente as expressões faciais de raiva nas pessoas no seu ambiente, para o que contribuem dificuldades eventuais de movimentação, como correr ou retirar-se do local rapidamente.

Pode-se observar pelo que trazem esses autores como, do ponto de vista afetivo, a relação entre o guia e os atletas com deficiência visual pode remetê-los a experiências básicas, primitivas e, portanto, estruturantes do ser humano.



Fonte: Revista Sentidos, Ed. 42, maio 2007. Foto: Fabio Braga.

Como é possível observar nessa figura, o atleta com deficiência visual e o guia estão ligados como se existisse um cordão umbilical, fazendo com que o guia seja para o atleta os olhos para o mundo, enquanto “anjo da guarda”, como gostam de se nomear.

O cuidado na relação guia/atleta com deficiência visual pressupõe uma noção fundamental que é a identificação do guia com o atleta e a empatia para saber o que é necessário nessa convivência. Neste caso, desde o primeiro contato, essa relação vai evoluindo de tal forma que o conhecimento entre eles aumenta e a afetividade também. Remetendo-nos novamente aos ensinamentos winnicottianos, pode-se pensar que o modo como é tratado o atleta, manipulado ou cuidado, bem como a maneira como ele é norteado, apresentando-se, portanto, o mundo (a pista de corrida) a ele, faz parte das funções desempenhadas pelos guias, de uma forma que pode lembrar, analogicamente, a maneira da maternagem acontecer.

Assim, na medida em que o atleta percebe a presença e entrega-se à orientação do guia, esta situação pode remeter às identificações primárias, construídas na maternagem fazendo com que, através dessas vivências, a autoconfiança do atleta com deficiência visual progressivamente se instale e aumente. Como risco perante tal processo se, ao invés de atender o que é necessário para o atleta, o guia passar a refletir apenas sua própria condição psíquica, como consequência, a capacidade do atleta será influenciada, podendo até atrofiar-se.

É fundamental lembrar que, tanto o atleta quanto o guia, foram bebês um dia e, portanto, viveram peculiarmente as experiências constituintes da sua personalidade, as quais, poderão, de algum modo, ser reativadas nessa relação de trabalho específica.

Colocando em outras palavras, se o guia pode vir a exercer frente ao atleta com deficiência visual as funções de maternagem, ele torna-se o ambiente e, assim, sua tarefa pode ser abordada em perspectivas nas quais deverá favorecer a expressão máxima do potencial do atleta.

Da mesma maneira como na relação mãe-bebê, a relação guia/atleta com deficiência visual remete à uma constituição do Eu (corredor) e do “*self*” (expressão do si mesmo deste corredor), fruto do processo de amadurecimento. Se para Winnicott, as primeiras relações são as que levam à vivenciar experiências de confiança básicas à expressão saudável do ser humano, para o atleta com deficiência visual, as condições de segurança, estabilidade, posicionamento, localização, etc., transmitidas pelo guia, vão estabelecendo, portanto, as bases de confiança para enfrentar os desafios da prova. Em função disso, pode-se supor que, assim como Barreto (1998) descreve com o paciente e seu acompanhante terapêutico, a evolução da relação guia/atleta percorra três grandes fases:

- A fase da dependência absoluta. Nesta fase o atleta estará em fusão com o guia;
- A fase de dependência relativa; é o período onde o atleta se diferencia progressivamente do guia, não esperando mais uma compreensão e uma satisfação mágicas de suas necessidades por parte do guia;
- Na terceira fase o atleta evolui pouco a pouco para a maior autonomia.

Como isso se processa e, particularmente, como é possível entender os elementos que motivam o guia e o atleta a percorrer esta trajetória psíquica e esportiva é o que veremos a seguir.

### 3.3. A MOTIVAÇÃO NA PRÁTICA ESPORTIVA DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E SEUS GUIAS

#### 3.3.1 – Motivação e práticas esportivas

Para poder compreender os aspectos motivacionais do atleta guia de deficientes visuais existe a necessidade de conceituar a atividade, bem como as necessidades dos atletas e sua atividade esportiva de uma forma geral, além de algumas especificidades dos atletas com deficiência visual. Para ter condições de prosseguir com o estudo proposto dos guias dos atletas com deficiência visual é conveniente lembrar, portanto, que ele também é um atleta, treina e dedica-se a atividade e, por muitas vezes, também é o seu próprio treinador e preparador físico.

É importante considerar que o conhecimento dos fatores motivacionais torna-se extremamente relevante ao favorecimento de práticas esportivas por parte de pessoas com deficiências visuais, lembrando que, possivelmente, a limitação perceptiva pode ter sido generalizada, em função de restrições nos recursos sócio-pedagógicos, a limitações de exploração do seu próprio potencial físico na área esportiva.

Dessa forma, assumindo como Samulski (2002) que *“a motivação para a prática esportiva depende da interação entre a personalidade (expectativas, motivos, necessidades, interesses) e fatores do meio ambiente como facilidades, tarefas atraentes, desafios e influências sociais”* (p. 105), podemos supor que este é um campo de estudos ainda aberto a pesquisas, particularmente no que se refere à motivação do atleta com deficiência visual. Esse mesmo autor conceitua que:

A motivação é caracterizada como processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos) (SAMULSKI, 2002, p. 220).

Seguindo este modelo, a motivação apresenta a direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas). Pode-se considerar, portanto, que um dos principais fatores para o rendimento do atleta é a sua motivação. Ela indica processos e elementos que conduzem os indivíduos em suas ações.

O que pode, portanto, ser considerada como uma visão esportiva da motivação?

Motivação pode ser definida simplesmente como a direção e a intensidade de nossos esforços (SAGE, 1977, p. 114). Os psicólogos do esporte e do exercício podem defini-la através de diversos pontos específicos, tais como; motivação para a realização, motivação na forma do stress competitivo, motivações intrínseca e extrínseca. Todas essas formas são partes da definição geral de motivação, mas o que realmente envolve na prática esportiva são, a saber: a direção do esforço, intensidade do esforço, a relação entre direção e intensidade (WEINBERG & GOULD, 2001, p. 72).

Uma visão esportiva da motivação, para esses autores pode ser:

<A visão centrada na situação

O nível da motivação é centrado na situação. Por exemplo, um atleta é realmente motivado em seu treinamento, mas desmotivado em uma situação esportiva.

< A visão interacional

A maioria dos psicólogos do esporte aceita hoje em dia que o interacionismo entre indivíduo-situação é a visão mais aceita. Esses dois fatores interagem em função dos fatores pessoais que levam em conta; personalidade, necessidades, interesses e objetivos e, por outro lado, na relação os fatores situacionais que levam em conta: estilo do líder técnico, atratividade das instalações e o registro de ganhos e perdas da equipe. Esses dois fatores



resultam na interação indivíduo-situação proporcionando a motivação do participante.

Para tentar aumentar a motivação devem ser considerados tanto os fatores situacionais como os pessoais.

Freqüentemente instrutores ou professores ao trabalharem com atletas parecem não ter motivação imediata e a atribuem à falta de interesse dos atletas como justificativa pessoal ou atribuem a baixa motivação ao material, espaço ou equipamento utilizado. Realmente a baixa motivação ocorre na relação fatores pessoais e situacionais.

Para aumentar a motivação você deve analisar e responder não apenas à personalidade de um atleta, mas também à interação das características pessoais e situacionais. Visto que as motivações podem mudar com o tempo, deve-se continuar monitorizando a motivação das pessoas para participação até meses após elas terem começado (WEINBERG & GOULD, 2001, p. 76)

Existe a necessidade de entender os motivos pelos quais uma pessoa envolve-se em uma atividade esportiva.

As pessoas participam por mais de uma razão, ou seja, em melhorar a qualidade de vida, relacionamentos e amizades, condicionamento físico maior disposição. Devemos levar em consideração que os motivos mudam com o tempo precisamos também levar em consideração o ambiente para aumentar a motivação (WEINBERG & GOULD, 2001, p. 77).

### **3.3.2 – Síntese dos modelos motivacionais trabalhados nesta pesquisa**

Após estudos em literaturas esportivas recentes onde são expostas várias teorias de motivação, compreende-se a necessidade de apresentar uma síntese que, fiel à literatura de seus próprios idealizadores, permita maior clareza quanto à conceituação a ser adotada na análise dos dados desta pesquisa.

Tendo consultado estudos que propõem conceituação de motivação a partir de Maslow (2000), que na década de 50 elaborou a hierarquia das necessidades, considera-se que essa teoria influenciou e fundamentou várias seguintes. Dentre estas se destaca a teoria de ERG(existência, relacionamento e crescimento) proposta por Clayton Alderfer (DAVIS, K; NEWSTROM, J.W, 2004) , da Universidade de Yale no ano de 1969. A teoria de ERG (existência, relacionamento e crescimento) veio a flexibilizar a hierarquia das necessidades de Maslow.

Também durante a década de 60, Edwin Locke (1999) em sua teorização afirma que a intenção de lutar por um objetivo é a maior fonte de motivação. Essa teoria pressupõe que o indivíduo está comprometido com o objetivo, ou seja, está determinado a não abandoná-lo; isto acontece quando os objetivos são públicos e as metas são estabelecidas pela própria pessoa, ao invés de serem impostas.

No presente estudo considera-se a teoria de Victor H. Vroom (1995) como uma das mais amplamente aceitas; trata-se da teoria da expectativa chamada também de modelo da expectância. Essa teoria propõe que a força da tendência para agir de determinada maneira depende da força da expectativa de que a ação trará certo resultado e da atração que este resultado exerce sobre o indivíduo. A base dessa teoria, a partir do entendimento dos objetivos, é a ligação entre esforço e desempenho, desempenho e recompensa e, finalmente, entre recompensa e alcance de metas pessoais.

Temos trabalhos recentes realizados por Fritz Heider que representam um modelo motivacional chamado de *atribuição* que é o processo pelo qual às pessoas observam o comportamento de outras pessoas e comparam com o seu e com isso adquirindo capacidade de analisar o seu próprio desempenho em função do outro melhorando o seu desempenho. Nessa interpretação surge a necessidade de conhecer as características quanto a habilidade, esforço, dificuldade da tarefa e sorte. (DAVIS e NEWSTRO, 2004, cf.p. 82).

Para a pesquisa a ser exposta nessa dissertação, mesmo se considerarmos a contribuição e o valor histórico dos autores citados frente à construção do conhecimento sobre motivação, torna-se essencial a compreensão de como esse conceito está sendo aplicado à pesquisa de práticas esportivas, particularmente em nosso meio. Nesse sentido os trabalhos de Samulski (2002) e Weinberg & Gould (2001) serão adotados como os norteadores básicos.

### **3.3.3 – Motivação para a prática esportiva do atleta com deficiência visual e seu guia**

A motivação do guia do atleta com deficiência visual é a mesma de um atleta competidor, apenas o objetivo e metas a serem atingidas somam-se com as do atleta, o que caracteriza uma relação de trabalho peculiar (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2007). O atleta com deficiência visual tem, por sua vez, o guia como um fiel e protetor escudeiro, acompanhando, motivando, orientando e instruindo. Esse é o motivo da relevância de se questionar quais as razões que levam um atleta a escolher a atividade de guia.

Poderemos inicialmente buscar responder à pergunta falando sobre motivação para a prática esportiva, já que o guia é um atleta, portanto, existe a motivação direcionada para o esporte, sendo que a do guia será objeto do estudo proposto.

Segundo Samulski (2002, p. 103) *“A motivação esportiva pode ser definida como a totalidade daqueles fatores internos e externos que determinam um comportamento dirigido para uma meta determinada”*. Adaptado por este autor, a hierarquia dos motivos de Maslow (2000, p. 18) estabelece que o motivo mais desejado de vida é a auto-realização. Na atividade esportiva do guia e do atleta deficiente visual observamos que existem várias possibilidades de auto-realização, como, por exemplo, a busca do reconhecimento que proporciona auto-estima, que representa um dos motivos hierárquicos de Maslow para a auto-realização, para alcançar seu limite de rendimento.

Para Mc Clelland (2000) a motivação é o resultado da interação dos fatores pessoais e situacionais, como por exemplo, no caso do guia do atleta deficiente visual, a entrega e a confiança durante a competição ou treinamento podem ser adaptadas a essa teoria.

Seguindo uma linha de pensamento próxima a esta, Weinberg & Gould (2001, p. 75) propõe um modelo de motivação para a prática esportiva em que pode ser observado um conjunto de fatores pessoais, tais como personalidade, necessidades, interesses, motivos, objetivos, metas e expectativas e também fatores situacionais frente a estilo de liderança, facilidades, tarefas atrativas, desafios e influências sociais.

Entender a personalidade é necessário para interagir e, dessa forma, melhorar o treinamento devido. Este se refere às características que tornam um indivíduo único e pode ser composto de três níveis, que, porém, se relacionam: um núcleo psicológico (o nível mais básico e estável da personalidade); respostas típicas (ou como cada pessoa é capaz de aprender) e a adaptação ao ambiente (o que leva em consideração o comportamento relacionado ao desempenho de acordo com as necessidades que o ambiente proporciona; esse comportamento é o mais variável. Pode-se concluir que: “*a melhor maneira de entender motivação é considerar tanto a pessoa como a situação e o modo como elas interagem*” (WEINBERG & GOULD, 2001, p. 74)

IMAGEM 4



Fonte: URECE – Associação de Esporte e Cultura para deficientes Visuais. Paraolimpíadas, 2007.

## 4. MÉTODO

A pesquisa foi conduzida obedecendo ao método de investigação qualitativa, pois envolveu a obtenção, em campo, de dados descritivos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. O objetivo dessa pesquisa é o estudo de uma relação muito peculiar e, de uma certa maneira, quantitativamente rara: a de corredores de longa distância com deficiência visual e seus guias. Nada mais apropriado para abordar, do ponto de vista intelectual e científico um problema pertinente ao âmbito das relações do que a existência de princípios de investigação que privilegiem o universo das relações humanas, mesmo as mais raras, considerando passível de ser compreendido. Esse é o campo da pesquisa qualitativa que, na colocação de Minayo (2007). *“trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.”* (p. 21). Pesquisadora amplamente conhecida no Brasil, no campo das pesquisas sociais, essa autora sempre se posicionou em busca da metodologia apropriada para reconstruir processos, estruturas, símbolos, significados, enfim , o conjunto de expressões humanas constantemente presentes na realidade social.

Conhecer as necessidades de pessoas com deficiências, suas possibilidades peculiares de participação em atividades de práticas esportivas, de lazer, de competição, de inclusão social enfim, mostra-se como um território em que a contribuição de pesquisas ainda tem muito a explorar e a oferecer na medida em que *“o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar no que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes”* (MINAYO, 2007, p. 21). Desta forma, descrever e caracterizar um relacionamento e suas motivações, como objetiva a presente pesquisa pode ser proposto, prioritariamente, como um estudo no âmbito qualitativo.

#### 4.1. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Foram **participantes** dessa pesquisa guias de atletas com deficiência visual que foram contatados em instituições de atendimento e treinamento esportivo para estes, instituições essas que já eram freqüentadas informalmente pelo pesquisador em situações prévias à desta pesquisa.

Como **instrumento** para obtenção de dados foi criado um roteiro de entrevista semi-estruturada, o qual foi testado em uma entrevista piloto (anexo 4 – entrevista piloto).

A discussão desta permitiu considerar que o roteiro planejado foi adequadamente compreendido, remetendo o entrevistado a oferecer respostas pertinentes aos objetivos que se pretendia explorar.

A escolha por realizar entrevistas semi-estruturadas ocorreu por privilegiarem a interação entre o entrevistador e o entrevistado, já que, segundo Ludke e Andre (1996), a entrevista é um dos instrumentos básicos para coleta de dados da pesquisa qualitativa, pois permite captar a informação imediata, esclarecer e adaptar questões quando necessárias.

#### 4.2. CUIDADOS ÉTICOS

O projeto foi apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Presbiteriana Mackenzie antes de se iniciar a coleta de dados. Como se trata de uma pesquisa com sujeitos humanos, foram solicitadas as autorizações para representantes das instituições onde os atletas e seus guias realizavam os treinamentos (Anexo 1). Desta maneira foram indicados cinco participantes, dos quais o primeiro foi entrevistado para a Entrevista Piloto. A todos estes, como participantes, foi solicitada e obtida a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, explicando a pesquisa (Anexo 2). Assegurou-se neste termo, além do sigilo e da liberdade de poder deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, que o teor da entrevista a ser realizada não ofereceria dano ou

desconforto ao participante e, de fato, todos se referiram prazerosamente à situação de terem colaborado como entrevistados.

Ficou estabelecido que, tanto os participantes quanto os representantes institucionais receberão uma carta com a síntese dos dados obtidos na pesquisa.

### **4.3. PROCEDIMENTOS**

As entrevistas foram realizadas em locais combinados, de acordo com as possibilidades dos guias de atletas com deficiência visual, garantindo privacidade e sigilo. Para a coleta de dados, as entrevistas foram gravadas em áudio, conforme autorizado no termo de consentimento. Houve aceitação imediata para a participação na pesquisa e todos se manifestaram de uma forma bastante positiva após a realização desta, querendo muito prosseguir colaborando, se necessário e demonstrando interesse pelo tema e pelos resultados.

Após cada entrevista, fez-se a transcrição exata do conteúdo, com os respectivos comentários acerca de expressões significativas, pausas, etc. O registro das respostas mostrou-se eficaz, captando as informações exatamente como foram expressas, eliminando a possibilidade de uma seleção ou omissão indevida.



## 5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Segundo a sistematização de Minayo (2007) que, por sua vez, baseia-se no trabalho de Bardin (1979), considerando-se a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas, há a possibilidade de reagrupá-las. As autoras destacam quatro delas: a análise de avaliação ou análise representacional, a análise temática, a análise de expressão e a análise de enunciação.

Para a presente pesquisa as duas últimas modalidades não se mostram adequadas, na medida em que a análise de expressão enfatiza a interconexão entre aquele que fala e seu meio, remetendo à ênfase em seus traços pessoais e a análise de enunciação é particularmente apropriada para as entrevistas abertas (MINAYO, 2007, p. 86), sendo que nossa pesquisa contou com uma entrevista roteirizada (semi-estruturada), visando focalizar possibilidades de expressão comuns ao grupo de entrevistados.

A análise de conteúdo das entrevistas, seguindo, portanto, a proposição de leituras exaustivas, desconstrução e reconstrução do enunciado (comentários) possibilitou uma fusão entre aspectos da análise representacional e da análise temática. Ou seja, valendo-nos do primeiro tipo, destacamos elementos de *atitude* e *juízo*; do segundo, buscamos por em foco as *unidades de significação*, ou *núcleos de sentido* (MINAYO, 2007, p. 86-87).

As entrevistas e os comentários decorrentes das leituras realizadas encontram-se no Anexo 4.

As categorias resultantes, bem como sua análise e interpretação seguem abaixo. Iniciaremos pelas categorizações obtidas sem uma direta vinculação ao que foi questionado, portanto, com a ênfase do que se reapresenta nas entrevistas espontaneamente.

A Guia 1, sentiu necessidade de ajudar deficientes e assistindo uma competição surgiu a oportunidade de conhecer um projeto e lá desenvolve o seu trabalho e sente um prazer enorme pois além da atividade física *pode ajudar uma pessoa que não tem visão e gosta muito do seu trabalho.*

A Guia 2. sentiu vontade de ajudar para que o atleta com deficiência visual tenha uma vida melhor, *ter mais segurança e passa muitas informações e gosta do trabalho que faz.*

O Guia 3 através de um pedido de um amigo para que fosse guiado e na época achou estranho, mas procurou informação a respeito dessa atividade, viu uma moça correndo uma prova e sentiu vontade e condições de fazer o mesmo e afirma ser *uma ajuda mutua, pois ele empresta a visão ao atleta e com isso tem uma troca, pois acabo tendo outros ensinamentos de vivencia e tudo soma e conseguimos resultados.*

O Guia 4.O diz que a vontade de *ajudar vem de foro intimo é uma forma individual de ter uma atuação social.*

---

---



VONTADE  
DE  
AJUDAR

## Análise

Em todas as entrevistas explicita-se a “*vontade de ajudar*” como inerente a esse trabalho. Mesmo quando se trata de uma “*ajuda mútua*” essa idéia se presentifica (Guia 3). Destaca-se na Guia 4, que, mesmo se tratando de uma decisão de foro íntimo, a ajuda caracteriza uma atuação social “... *mas saber que o poder público é ineficaz em uma série de coisas, o poder fala muito em inclusão social, mas só tem discurso e não vemos na prática ações concretas...*”

Pode-se considerar que a “vontade de ajudar” traduza, em princípio, apenas um exercício de benemerência, uma satisfação pessoal e a realização de uma atividade benéfica à auto-estima do guia (embora, simultaneamente benéfica ao atleta deficiente visual, bem como benéfica fisicamente). Entretanto, mesmo que presente para apenas um dos entrevistados, pode ser importante manter a idéia de que, no exercício da atividade de guia há uma conscientização da responsabilidade social, um sentido de competência frente à incompetência (do governo? o deficiente?). Recorrendo à concepção de serviços voluntários (FONSECA et. al, 2001, p. 14), os dados encontrados no grupo pesquisado evidenciam certo grau de consciência da importância das práticas esportivas como um dos elementos da inclusão social dos atleta deficiente visual, dimensionando um papel específico aos guias.

Outro aspecto que se destaca é que, de acordo com Schein (1996) é importante considerar que o fato de seu trabalho resultar em benefício para outros, trazendo a estes elementos de auto-estima reverte-se também em bem-estar e auto-estima daquele que realiza o trabalho.

A Guia 1, afirmou a motivação nessa atividade é o *prazer de ajudar as pessoas que não tem visão e acha muito bom fazer esse trabalho*. E para motivar o atleta durante uma competição o guia tem que estar sempre motivando e utiliza o seguinte recurso *“cante”, “grite”, faça alguma coisa, ou seja “extravasar um pouco”*.

A Guia 2, a motivação vem de gostar do trabalho de guia voluntario pois supera dificuldades junto com os atletas deficientes visuais e faz o melhor possível e afirma que *“aqui é o amor que manda mais alto”* e que o aprendizado é diário e que afirma também *“você não tem noção o que encontramos pela frente” os atletas ajudam a superar e dar um bom resultado*.

A motivação do Guia 3 foi o pedido de um amigo que iniciou correndo e trotando o que ele achava muito estranho e sentiu vontade de fazer o curso de educação física e inteirou-se mais do assunto assistindo uma paraolimpíada e viu que era possível, então resolveu iniciar um projeto de atividades físicas para deficientes e isso tem dado muitos resultados até entrevistas em jornais, televisão e na mídia.

O Guia 3.O atribui à motivação como uma forma individual de ter uma atuação social e *considera de fórum íntimo a vontade que se traduz em motivo para essa ação voluntaria*.

O que motiva bastante esse trabalho foi notado que é satisfação e o prazer de ajudar e também quando pessoas parabenizam pelo trabalho e o reconhecimento da possibilidade de treinar e competir em igualdade de condições apenas é o método de treinamento que apenas afirmam que precisam explicar de uma forma correta o que deve ser feito.

---

CONSCIÊNCIA  
DOS GUIAS  
ACERCA DA  
MOTIVAÇÃO  
PARA SEU  
TRABALHO

O projeto e o trabalho e o resultado dão muita motivação para continuar com o trabalho tendo em vista a satisfação e a qualidade de vida que os atletas com deficiência visual passam a possuir e observa *muito claramente nos praticantes isso entusiasmo e dá forças para continuar com esse trabalho que ele gosta muito.*

O trabalho realizado é prazeroso por si e remete a imediatos resultados quase sempre vividos como também prazerosos. *A superação de dificuldades (as próprias e as do atleta deficiente visual) é percebida e também desperta sensação prazerosa. A oportunidade de experimentar um reconhecimento social a curto prazo e, a longo prazo, oportunidades sociais diferenciadas ( como, p.ex., as para olimpíadas) também são destacados A melhoria da qualidade de vida do atleta deficiente visual, bem como a visibilidade do prazer dos guias ( “ observo muito claramente o brilho no olhar.”) é também focalizada.*

---

## Análise

Em primeiro lugar destaca-se o quanto todos os participantes têm consciência da importância de sua motivação (não nos parece mera coincidência o fato de que o projeto em que 3 deles fazem seu trabalho é, exatamente, PROJETO MOTIVAR). Há referência (Guia 1) de que a motivação é mútua, com o guia beneficiando-se também do que o atleta com deficiência visual experimenta. Essa entrevistada diz: *“é uma verdadeira entrega e eles confiam demais... a ligação é muito forte e isso é que sustenta a permanência em atividades esportivas e competitivas”* É interessante a consciência desta entrevistada de que a confiança que o atleta deficiente visual deposita no trabalho do guia dá a dimensão de continuidade e permanência na prática. Caberia aqui a pergunta: o guia tem consciência das motivações específicas do atleta deficiente visual? As vivências de prazer e satisfação mostram-se muito mais vivas nesses discursos que as eventuais frustrações, perdas e dores. A busca e a necessidade de obtenção de reconhecimento, entretanto, permeiam o conteúdo.

Segundo Amiralian (1997, p. 32) que, baseada no que Winnicott estabeleceu como passos iniciais para uma relação entre duas pessoas, explicando que, em qualquer tipo de interação estão sempre presentes, para qualquer ser humano a possibilidade de preocupar-se e dedicar-se ao outro, no caso de uma delas possuir uma deficiência é importante, sem dúvida, entender o significado que se dá a essa deficiência por quem a possui e para a pessoa com quem ela se relaciona. Para o nosso estudo poderemos entender que em qualquer relação todos devem ter em mente que a deficiência sempre interfere tanto no atleta como no guia. Dessa maneira, portanto, deve ser tomado o que afirmaram os guias entrevistados sobre confiança e entrega, sendo que essa entrega é aceita com conhecimento da deficiência.

Podemos assim afirmar, segundo Amiralian (1997, p. 34), que o deficiente, como um *espelho perturbador*, pode levar-nos a reviver angústias primitivas que, segundo Winnicott (1990), só podem ser observadas por meio de defesas organizadas. Contudo, a visibilidade da deficiência pode remeter ao fracasso e

fazer surgir o medo do colapso ou seja, também o medo do fracasso. Então poderemos observar que só através de um olhar crítico para o nosso interior, por meio da experiência pessoal de nosso entendimento sobre deficiência, poderemos entender também nossos afetos e emoções para com a condição da pessoa com deficiência. Fica bem claro no relacionamento guia e atleta com deficiência visual a busca e a necessidade de obtenção de reconhecimento mútuo, o que permeia o conteúdo motivador para o guia, conforme mencionado na análise.

Para Barreto (1998, p. 27) a motivação não fica reduzida simplesmente à *ganância* tal como poder, riqueza e prestígio e sim à intenção de buscar melhores condições de vida para si e sua família; isso porque também considera um fator motivante a promessa de aventura e sonho, que semeia a esperança de ultrapassar as barreiras de uma vida comum e previsível. Frente ao que os dados revelam, confirma-se o que Samulski (2002) coloca: “*A motivação esportiva pode ser definida como a totalidade daqueles fatores internos e externos que determinam um comportamento dirigido para uma meta determinada*” (p. 103).

Guia 1. *Passa a ser íntimo até passa a ser um parente da pessoa uma irmã ou uma mãe por que praticamente depende de nós para fazer outras coisas, tomar água, ir ao banheiro e não é só guiá-los para a corrida, temos que pegá-lo no ponto de ônibus, atravessar a rua, ou seja, tudo e não é só correr com eles é um grau de proximidade muito próximo a partir do momento que começa a guiá-lo não fica restrito só ao projeto, ligamos um para o outro quando uma adoece, ou como esta a família. Também foi relatado algumas manifestações do público e dos participantes tais como; “desse jeito vocês vão acabar se casando”, “uma esta puxando a outra, o que ela fez para você para você amarrar ela”.*

Guia 2. *Tem o contato e o lado social, a gente procura sempre fazer uma reunião, uma pizza de vez em quando, um aniversário, final de ano tem uma festa de confraternização, se tem um lado do treino e o lado social que é muito importante também.*

Guia 3. *Não é uma coisa simples sair correndo com a atleta segurando uma ponta de uma toalha, existe todo um trabalho. Existe também um lado mais íntimo pois o relacionamento acaba estreitando-se pois a pessoa com deficiência visual acaba confidenciando para o guia a vida dele e o guia acaba também confidenciando a dele e tudo acaba sendo uma ajuda mútua. Durante a corrida existe toda uma proteção tanto física como emocional, o atleta tem os seus problemas alguns com depressão, problemas com família e problemas financeiros o guia tem que saber lidar com todos esses problemas mesmo após um dia exaustivo de trabalho. O guia também é de total confiança pois o atleta guiado por muitas vezes não aceita outro guia, existe um tempo para aceitação (tal como o Acompanhante Terapêutico).*

MANIFESTAÇÕES DE SUPERPROTEÇÃO E PRECONCEITO



Guia 4, Este guia não demonstrou super-proteção, pois afirmou que após a prova ele devolve o atleta para os seus familiares e cada um retorna para o seu convívio familiar e todo o trabalho é feito durante a prova e encerra-se. Mas observou agressividade de outros participantes e falta de entendimento sobre o seu trabalho de guia, sendo até ignorado e agredido não só por palavras como fisicamente por empurrões e tentativa de forçar passagem entre a corda que liga o atleta ao guia e outras atitudes que afirma *não ser próprio de ser humano é inacreditável*. Sentiu também que o atleta quando não está acompanhado com o seu guia apresenta dificuldades de aceitação de guias voluntários presentes no dia da competição. Neste caso observa-se que ele realmente não proporciona super-proteção.

---

## Análise

O discurso da maioria dos guias participantes sugere a possibilidades de estabelecerem como o atleta deficiente visual guiado um relacionamento aparentemente super-protetor, pois mencionam a dependência *total* do atleta deficiente visual e até mesmo *o lado mais íntimo* dos seus problemas pessoais e familiares. Esse relacionamento chega a tal ponto, que um dos guias afirmou que também manifesta os seus próprios problemas para o atleta deficiente visual guiado. Revela-se aí um lado pouco comum das práticas esportivas com pessoas com deficiências, pois não se trata apenas da ação do momento da prova, mas de todo um apoio mais amplo e, entretanto, necessário, tal como ajudar a ir ao toalete, ajudar a entrar no ônibus, bem como a atenção a todas as necessidades básicas como ingestão de líquidos, alimentação etc. Embora pareça sutil, há um limite definido entre as necessidades da situação de prova e o que transcende a esta, como por exemplo, após a corrida ter sido relatado que, eventualmente, possuem uma atividade social juntos tais como *ir a restaurante*, bem com telefonam para saber como estão os atletas e vice-versa.

Todos os guias manifestaram indignação com os tratos dispensados para com eles pelos demais participantes e platéia. Por parte dos participantes, principalmente em situações de provas de rua, como corridas de longa distância, registraram alguma agressividade em forma de palavras proferidas por outros atletas que não entendem a situação. Há uma referência importante de uma das entrevistadas acerca de comentários com sentido pejorativo erótico por parte do público, ao observarem mulheres ligadas pela corda, guia e atleta. Esse fato explicita uma clara situação de preconceito, frente à qual, outros comportamentos relatados, como empurrões e falta de entendimento da atividade esportiva do deficiente visual e da importância da exigência que o guia imprime a seu guiado, podem se agregar, enquanto demonstrações de preconceito.

Quando um dos guias refere-se a existirem confidências (*um lado mais íntimo*) tomando isso como *uma ajuda mútua*, é importante questionarmos até que ponto está sendo explicitado um comportamento de dependência mútua que

sugere que o guia esteja superprotegendo seu guiado. Vimos em Amiralian (1997) e em Barreto (1998) os enormes riscos a que tais comportamentos podem remeter, considerando-se ainda mais as conseqüências de estabelecimento de comportamentos desnecessários de dependência para os atletas com deficiência visual. Este depoimento remete à importância de que a motivação do guia esteja bem caracterizada para ele, sem a valorização excessiva do seu papel frente a outras necessidades do atleta, desconectadas da situação esportiva. Os laços de afeto entre guia e guiado devem existir, mas, ao mesmo tempo, deve haver uma grande consciência, por parte do guia em respeitar os limites de uma situação de trabalho.

Guia 1, Achou difícil afirmar, mas acha que é a *confiança e a entrega*.

Guia 2, afirmou que o *mais importante é o resultado do trabalho e o empenho, se teve boa aceitação ou se melhoram o tempo quando participam de competições ou até mesmo nos treinamentos*.

Guia 3. Declarou ser apaixonado por atletismo e que todos os seus estudos são voltados para a área e procura estudar muito sobre o assunto.

Guia 4. Este guia achou mais importante a inclusão social e dar oportunidade que a própria família impede chegando até a prender o deficiente em casa *mas nós incentivamos e chegam até a condição de atleta de elite*.

---

ASPECTOS  
QUE OS GUIAS  
DESTACAM  
EM SEU  
TRABALHO

## Análise

Apesar de todos os entrevistados demonstrarem muita dedicação e satisfação em desenvolver este trabalho, observa-se que, apenas um deles dimensionou a relevância na área social em dar condições ao atleta com deficiência visual realizar tal prática esportiva, qualificando-a como uma oportunidade de inclusão social.

É interessante o fato dos guias perceberem e destacarem sua contribuição para melhores condições de prática esportiva e, portanto, melhores resultados de seus atletas guiados, colocando-se assim como portadores de informações técnicas sofisticadamente especializadas. Tal aspecto técnico não se separou de uma atribuição de valor essencialmente afetiva dimensionada por seu trabalho, especificando: “*a confiança e a entrega*”. Quanto a isso, podemos usufruir de muitos elementos de compreensão winnicottiana.

Foi notado que frente a esse tema, as respostas foram curtas comparadas com as demais, mesmo com o incentivo do pesquisador. Revela-se dessa forma a capacidade destes guias de, modestamente, colocar-se à serviço e, portanto, como coadjuvante, de seu atleta com deficiência visual. Expressa-se desta forma o fato de que o guia voluntário, devido ao seu interesse pessoal e cívico, dedica o seu tempo, sem remuneração alguma, proporcionando bem estar social com solidariedade e cidadania e, para tanto, dedica-se e estuda sobre a prática esportiva como guia de atletas deficientes visuais .

*Guia 1, Achou que o dia da prova é o mais complicado, pois tem pessoas que não conhecem deficiência e usam palavras impróprias devido que somos duas mulheres, tais como: "vão casar desse jeito", "só faltam se beijar", "uma esta carregando a outra", " uma esta puxando a outra por que não estão agüentando". Então essa parte foi atribuída como a mais complicada. A mais difícil atribuiu ao sincronismo que é o ritmo da corrida e posição de braços e pernas que tem que ser sincronizados entre guia e atleta, também o percurso que a todo instante precisa informar sobre as condições do piso e também a velocidade e é utilizado a seguinte fraseologia; "passinho" (diminuir o passo), "passão" (aumentar o passo), "rústico" (piso irregular), "poça d'água".*

*Guia 2. Afirmou que é necessário prestar a atenção no caminho e no percurso, pois no dia da competição existe um certo nervosismo e o guia tem que passar tranquilidade, pois não é só o fato da competição mas muita gente naquele momento. Também achou que o sincronismo é o mais complicado e precisa de treinamento e tem fases e não existe uma só forma de explicar, "cada um tem um jeitinho de falar e de fazer " principalmente nas competições pois tem que existir interação entre pé , braço, velocidade e guia.*

*Guia 3. O guia afirmou que é a relação entre guia e atleta pois alguns apresentam tais como: depressão, problemas familiares e problemas financeiros o que acaba influenciando o treinamento e a competição, também tem o lado do guia que por sua vez tem os seus problemas então o guia necessita superar e motivar o atleta e depois do treinamento ou competição estabelecer uma relação de confiança. Também afirmou sobre o sincronismo como os demais guias e falou do ritmo que faz parte do sincronismo, pois sincronismo é pé, braço e coordenação com o guia e mais velocidade que esta ultima esta ligada ao ritmo da corrida exemplo: 5 kilometros em um minuto, os atletas dizem na gíria, 5 por 1, e esse tempo é controlado e chamado de ritmo.*

DIFICULDADES  
VIVENCIADAS  
NO TRABALHO

*Guia 4. O guia explicou também a problemática do sincronismo da mesma forma como os demais guias descreveram e acrescentou o seguinte; “Primeiro, nós é que conduzimos o atleta e ele que nos conduz ?Esse questionamento é para explicar que o ideal é que o guia tenha um ritmo um pouco melhor do que o atleta para que sempre o guia possa conduzir pois caso contrario o atleta acaba por ditar o ritmo e fica difícil o trabalho do guia. Este guia explicou também sobre o regulamento de corridas com guias no qual o guia em uma corrida nunca deve ficar a frente do atleta guiado e na linha de chegada ficar ligeiramente atrás, e mencionou como sendo um dos fatores de dificuldade para a regra ser seguida, não de execução mas de disciplina esportiva.*

DIFICULDADES  
VIVENCIADAS  
NO TRABALHO

## Análise

Todos os guias remetem a suas dificuldades para o *sincronismo*, pois é como um pelotão que marcha com passo certo, uniformemente, mas trata-se de duas pessoas apenas, que tem que fazer o mesmo trabalho que os militares em um pelotão. Ao sincronismo acrescenta-se o *ritmo* que nada mais é do que a velocidade do corredor e essa velocidade deve ser controlada pelo guia.

Segundo Barbanti (2003, p. 537) sincronismo é uma situação em que duas ou mais pessoas executam movimentos coordenados buscando ser o mais parecido possível um com o outro, como na dança, na aeróbica de competição, no nado sincronizado, patinação artística, soldados marchando que precisam coordenar os braços e as pernas uniformemente um com o outro.

Observa-se que essencialmente, o trabalho de guias pressupõe uma capacidade de entrega de tal ordem, que deve ser coreografada junto a seu guiado uma perfeita harmonia de corpos em movimento, pressupondo uma refinadíssima capacidade de disciplina, entrega e detecção das necessidades do atleta com deficiência visual por parte de seu guia. Isso nos remete, de imediato, à comparação com o paradigma da relação mãe-bebê exposto por Winnicott em que também cabe a esta, como aos guias, o processo de detecção e ação sincronicamente perfeito às necessidades de seu filho.

Novamente destaca-se o comentário de uma das entrevistadas já anteriormente abordado como manifestação de preconceito, junto à falta de entendimento das pessoas com relação a atividade esportiva praticada por deficientes visuais. Observa-se desta forma o fator estressante proporcionado não só pela competição, mas pelo grande número de pessoas presentes no evento que chega a atingir, nas corridas de rua a presença 10.000 corredores e mais a platéia. Tudo isso pode causar desconforto, o que se acresce aos cuidados do guia com o atleta no tocante ao percurso e caminho a ser percorrido devido ao

relevo e desvios necessários, bem como ao fato do guia também estar consciente das regras de corrida nessa modalidade.

Guia 1. Afirma que todos parabenizam pelo trabalho e são convidados para conhecer o trabalho, existe muito interesse de conhecer o trabalho mas pouca gente procura a nosso instituição.

Guia 2. Afirma também que *todos parabenizam e acham o trabalho difícil que os guias fazem, mas dizem que estou no caminho certo e elogiam muito, mas falta o reconhecimento, existe pessoas que não conhecem o que o guia faz correndo com uma corda ligada ao atleta.*

Guia 3. Também afirma que *todos dão os parabéns, acham o trabalho interessante e aos poucos as pessoas abraçam a causa e com isso estamos crescendo e obtendo o apoio da mídia com reportagens e entrevistas.*

Guia 4. Diz que *é bem curioso quando alguém fica sabendo do trabalho pois as pessoas quando tomam conhecimento ficam espantadas no primeiro momento pois dizem que não sabiam desse trabalho e entendem como difícil e que acham que um deficiente visual jamais correria.*

---

VISÃO DESTE  
TRABALHO NA  
PERSPECTIVA DE  
RECONHECIMENTO  
SOCIAL



## **Análise**

De uma forma geral todos responderam que as pessoas sempre parabenizam pelo trabalho, alguns com espanto devido ao desconhecimento. Alguns têm interesse pelo trabalho e assim poderá crescer o número de voluntários para esse trabalho de guia.

O trabalho do guia é uma atividade não só esportiva, mas de interação social. Segundo Barbanti (2003) interação refere-se ao relacionamento de pessoas umas com as outras e são estímulos que outras pessoas exercem sobre o indivíduo. Desta forma a sociedade determina algumas normas que devem ser seguidas pelo conjunto de pessoas que formam uma sociedade. Mas as pessoas tendem a alinhar o seu comportamento ao de outra pessoa, portando, segundo Amiralian (1997), o ambiente para o deficiente visual é extremamente importante, pois é o que determina a sua segurança. A impressão que as pessoas têm a respeito da prática esportiva do deficiente visual é, portanto, de vital importância e o trabalho deve ser catalisador de novas idéias, voluntários e profissionais interessados; com isso teremos uma atividade esportiva desses atletas de qualidade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo preocupou-se com uma situação altamente específica: a investigação da peculiar relação estabelecida entre atletas corredores de longa distância com deficiência visual e seus guias. Focalizou-se tal problemática considerando-se que o conhecimento científico acerca do papel e da motivação dos guias viesse a contribuir ao estudo acadêmico de características das práticas esportivas de pessoas com deficiências, especificamente de pessoas com deficiência visual. Este tema foi abordado em uma pesquisa de natureza qualitativa, o que possibilitou ao pesquisador um contato direto e, conseqüentemente, a obtenção de dados extremamente fiéis à expressão dos guias participantes acerca de suas motivações para desenvolver esse trabalho.

Coerente às propostas metodológicas de pesquisas qualitativas, o trabalho não pretende apresentar dados definitivos, mas contribuir para a compreensão dos que se dedicam a essa prática esportiva e do que é visto como relevante para o desempenho de tal trabalho. Surge daí uma primeira colocação: a pesquisa permitiu explorar conteúdos que remetem à importância de sua continuidade e ampliação, na medida em que, embora tivéssemos pesquisado a motivação de apenas quatro dos guias existentes em nosso país, estes revelaram aspectos muito significativos.

Os participantes realizam este trabalho voluntariamente e conheceram as atribuições do guia a partir de interesse pelo esporte ( atletismo/ corridas de longa distância), sendo que todos mostram-se muito gratificados e envolvidos na sua realização.

Como aspectos que caracterizam seu perfil motivacional os dados obtidos permitiram destacar a vontade de ajudar, a consciência de vivenciar situações

altamente motivadoras e, principalmente, a perspectiva de reconhecimento social que experimentam e que sentem compartilhar com o atleta com deficiência visual. Vale destacar que a valorização pessoal experimentada em momento algum se mostrou vinculada à visão de aspectos negativos em seu parceiro, sendo, ao contrário, extremamente críticos em relação a algumas manifestações preconceituosas que já vivenciaram em situações de competição.

Aparecem, entretanto, nas verbalizações destes guias alguns conteúdos que podem ser significativos de dificuldades. As dificuldades de que eles têm consciência referem-se à movimentação corporal com sincronia. Destacam, portanto, um conteúdo vinculado à atividade física, objetivamente presente na prática esportiva. Mas aparecem verbalizações que valorizam extremamente o que poderíamos nomear como as “sincronias psíquicas”, trazendo aspectos como o constante compartilhamento, e até confidências, como frutos aparentemente desejáveis do trabalho e da confiança que recebem por parte dos atletas guiados.

Analisando-se esses aspectos de seus depoimentos em uma visão que privilegia elementos da compreensão psicológica do desenvolvimento da pessoa com deficiência visual, observam-se riscos de estabelecimento de distorções relacionais que imprimam um laço superprotetor e, conseqüentemente, desfavorecedor da expressão mais criativa e adequadamente independente do atleta que estão guiando.

Destaques finais a esse estudo referem-se à importância, ainda pouco conhecida na academia, acerca do valor das contribuições que o trabalho dos guias representa, não apenas para as pessoas com deficiência visual, ou o grupo de atletas com deficiência visual, ou a comunidade científica interessada nas questões das práticas esportivas por parte de pessoas com deficiências, mas sim, para a sociedade como um todo, que pode se beneficiar através do relato e da compreensão dos depoimentos obtidos nessa pesquisa. São informações preciosas, enquanto testemunhos de ações humanas generosas, mas, talvez ainda pouco conscientes da dimensão de sua contribuição, o que nos reporta às palavras de Berner (2001) escolhidas para sintetizar os dados que pudemos coletar nessa dissertação:

A solidariedade brota do coração grande e generoso, enquanto a cidadania é fruto da mente racional e esclarecida. A solidariedade ao deparar com a pobreza diz: quero acolhê-lo, alimentá-lo, abrigá-lo e educá-lo, por que é um ser humano como eu, e não posso vê-lo sofrer. A cidadania ante a exclusão social se manifesta contra a corrupção e a favor de uma sociedade mais justa, porque a pobreza de muitos prejudica a todos. A solidariedade doa para a cultura e para as artes porque quer oferecer algo à comunidade. A cidadania preserva o patrimônio artístico e cultural porque assume seu papel de dono, e se o dono não cuida, quem cuidará? A sociedade floresce nas crises e emergências, enquanto que a cidadania se exerce no dia-a-dia. A cidadania é obrigação de todos, enquanto que solidariedade é vocação de alguns. Podemos educar jovens para a cidadania, enquanto que para a solidariedade só podemos sensibilizá-los. A solidariedade engrandece o homem. A cidadania constrói a sociedade. As duas juntas podem resgatar a dívida social de uma nação. (Berner, C., voluntária CVSP, p. 14).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, N.P. e SCHOR, N. Atividade física e saúde. In: DINIZ, D.P. e SCHOR, N. *Qualidade de vida: guias de medicina ambulatorial e hospitalar – UNIFESP – Escola Paulista de Medicina*. Barueri, SP: Manole, 2006.
- AMIRALIAN, M.L.T.M. *Compreendendo o cego*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- AMIRALIAN, M.L.T.M., BECKER, E. KOVACS, M.J. *A especialização do psicólogo para o atendimento às pessoas com deficiências*. Ponto de vista, Psicologia USP, São Paulo, 2 (1/2): 121-4, 1991.
- BARBANTI, V. J. *Dicionário de educação física e esporte*. Barueri: Manole, 2003.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 1ª Ed. Porto, Portugal: Edições 70, 1979.
- BARRETO, K.D. *Ética e técnica no acompanhamento terapêutico*. Andanças com Dom Quixote e Sancho Pança. São Paulo: UNIMARCO, 1998.
- BERNER, C. Solidariedade e cidadania. In: FONSECA, A.B. et. al. *Gerenciamento de voluntários: estruturação e implementação de programas de voluntariado em organizações sociais*. São Paulo: DM9DDB, 2001.
- BRASIL. Ministério do Esporte. *Comitês*. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/links/comites.jsp>>. Acesso em: 30 mai 2007.
- BRASIL. Lei do Voluntariado nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9608.htm). Acesso em: 10 jun 2008.
- CASTRO, E.M. *Atividade Física Adaptada*. Ribeirão Preto: Tecmed, 2005.
- CERVANTES, M. *Dom Quixote de La Mancha*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

- COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO. *História*. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/paraolimpiada/integra.asp>>. Acesso em: 28 mai 2007.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS. *Noticiários e Atividades*. Disponível em: <[http://www.cbdc.org.br/novo\\_site/midia\\_biblioteca/documentos/58/83.htm](http://www.cbdc.org.br/novo_site/midia_biblioteca/documentos/58/83.htm)>. Acesso em: 10 jun 2007.
- COOPER, K.H. *Aptidão física*. Rio de Janeiro: Forum, 1972.
- COSTA, W.C. *Projeto Motivar*. Disponível em: <<http://www.urece.org.br/>>. Acesso em: 20 set 2007.
- DAVIDOFF, L.L; *Introdução à psicologia*. São Paulo: Person, 2002.
- DAVIS, K; NEWSTROM, J.W. *Comportamento humano no trabalho*. São Paulo: Pioneira, 2004.
- EFDEPORTES.com. REVISTA DIGITAL. BUENOS AIRES. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd75/cegas.htm> >. Acesso em: 06 jun 2007.
- FINKELSTEIN, J. *Image:Maslow's hierarchy of needs*. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Image: Maslow](http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Maslow)>. Acesso em: 18 out 2007.
- FONSECA, A.B. et. al. *Gerenciamento de voluntários: estruturação e implementação de programas de voluntariado em organizações sociais*. São Paulo: DM9DDB, 2001.
- GOLSE, B. *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- IBGE: Censo Demográfico (2000): Características gerais da população: resultados da amostra. Deficiência. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo2000/população/deficiencia\\_Censo2000.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo2000/população/deficiencia_Censo2000.pdf)>. Acesso em: 10 mar 2008.
- INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION – COMPETITIONS. *Competitions*. Disponível em: <<http://www.ibsa.es/eng/competiciones/competiciones.asp?id=1>>. Acesso em: 28 mai 2007.

- LOCKE, E. A. *The essence of leadership*. Lanham: Lexington Books, 1999.
- LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1996.
- MASLOW, A.H. *Maslow no gerenciamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.
- MCCLELLAND, D. C. *Human Motivation*. Cambridge, United Kingdom. University Press, 2000.
- MINAYO, M.C.S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ; Vozes, 2007.
- OLIVEIRA FILHO, C.W; MATSUI, R. CARVALHO. A.J.S. E ALMEIDA J.J.G. *A iniciação no atletismo para pessoas cegas e com baixa visão*. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 – n. 75 - Agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 05 jun 2007.
- PEDRINELLI, V.J. ET AL. Atividade física e a criança portadora de deficiência física. In: *II Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada, 1992*. São Paulo. Anais: EEFUSP, CEPEUSP, 1990.
- PISANI, E.M; PEREIRA, S; RIZZON, L.A. *Temas de psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PROJETO MOTIVAR. *Atividades dos guias de atleta DV*. Disponível em: <<http://www.projetomotivar.com.br>> Acesso em: 19 set 2007.
- PUGAS, Mirella Paula; YABUKI, Renata Buseti. *Equoterapia: profissionais da saúde falam sobre suas motivações para o exercício deste trabalho, 2007*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- REVISTA SENTIDOS: *Olho por Olho*. Ed. Áurea, n. 29, jun 2005.
- ROBBINS, S.P. *Comportamento organizacional*. São Paulo: Prentice Hal Brasil, 2006.
- SAGE, H.S. *Introduction to motor behavior: A neuropsychological approach*. New York: Addison-Wesley, 1977.

- SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte: manual para educação física, psicologia e fisioterapia*. Barueri: Manole, 2002.
- \_\_\_\_\_; NOCE, Franco. *Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros*. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. Niterói, v. 8, n. 4, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-86922002000400005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922002000400005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 jun 2007.
- SCHEIN, E.H. *Identidade profissional. Como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho*; tradução Margarida D. Black: São Paulo: Nobel, 1996.
- SILVA, O.M. *Uma questão de competência*. São Paulo: Memnon, 1993.
- URECE – ASSOCIAÇÃO DE ESPORTE E CULTURA PARA DEFICIENTES VISUAIS. *Missão, objetivos e fotos* Disponível em: < <http://www.urece.org.br/>. Acesso em: 20 set 2007.
- VASH, C.L. *Enfrentando a deficiência*. São Paulo: Pioneira, 1988.
- VROOM, V.H. *Work and motivation*. San Francisco: Jossey-Bass Inc. Publishers, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Gestão de pessoas, não de pessoal*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- WEINBERG, R.S; GOULD, D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- WINNICOTT, D.W. *As idéias de D.W. Winnicott*: Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Natureza humana*: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Os bebês e suas mães*: São Paulo: Martins Fontes, 1999.



## ANEXO 1

### CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA A INSTITUIÇÃO

Gostaria de obter sua colaboração para a realização de uma pesquisa com o objetivo de descrever, identificar e analisar o trabalho do guia de atletas deficientes visuais. Através de uma entrevista a ser gravada com estes profissionais, procuraremos detectar aspectos de motivação, da história pessoal e da sua busca de formação e conhecimentos específicos. Para tal solicito autorização desta instituição para a triagem e encaminhamento de colaboradores e para a realização dessa entrevista, que é o nosso instrumento de coleta de dados. As informações coletadas e o contato interpessoal não oferecerão riscos importantes, físicos e/ou psicológicos. Os guias indicados não são obrigados a participar da pesquisa, podendo desistir desta a qualquer momento, sendo que as identificações deles e da instituição serão mantidas em sigilo. A divulgação dos resultados ocorrerá exclusivamente em eventos de caráter científico, sendo que a instituição receberá um resumo do trabalho resultante.

Os dados coletados nessa pesquisa serão utilizados na Dissertação de Mestrado de Francisco Conejero Perez, aluno do Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisabeth Becker.

Caso esteja de acordo com estes termos, por favor, assine abaixo. Uma cópia deste documento ficará com a instituição e outra com o pesquisador. Caso necessite qualquer outro esclarecimento indicamos o contato abaixo. Obrigado.

.....  
 Pesquisador: **Francisco Conejero Perez**

.....  
 Orientadora: **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisabeth Becker**  
 Universidade Presbiteriana Mackenzie  
 Telefone para contato: 2114-8255

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) \_\_\_\_\_, representante da instituição, após a leitura da Carta de Informação à Instituição, ciente dos procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância quanto à realização da pesquisa. Fica claro que a instituição, através de seu representante legal, pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo, ..... de ..... de.....

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do representante da instituição

## ANEXO 2

### CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

Gostaria de contar com sua colaboração para realização de uma pesquisa que se propõe a identificar, descrever e analisar as atividades do guia de atletas portadores de deficiência visual. Procuraremos detectar aspectos de motivação, da história pessoal e da busca de formação e conhecimentos específicos para o desempenho da atividade de guia. As informações coletadas e o contato interpessoal não oferecerão riscos importantes, físicos e/ou psicológicos. Os dados para esta pesquisa serão coletados através da realização de uma entrevista que, mediante sua autorização será gravada em áudio. Para isso, gostaríamos de obter a sua colaboração, garantindo sigilo absoluto sobre as questões respondidas, sendo resguardado o seu nome como participante, bem como, a identificação da instituição a qual pertence.

Os dados coletados serão utilizados na dissertação de Mestrado de Francisco Conejero Perez, aluno do Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisabeth Becker.

A eventual divulgação do trabalho resultante terá finalidade científica e acadêmicas, sendo que você receberá um resumo deste para seu conhecimento. Ao (a) participante cabe o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum. Caso esteja de acordo com estes termos, por favor, assine abaixo. Uma cópia deste documento ficará em seu poder e outra com o pesquisador. Caso necessite qualquer outro esclarecimento indicamos o contato abaixo. Obrigado.

.....  
 Pesquisador: **Francisco Conejero Perez**

.....  
 Orientadora: **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisabeth Becker**  
 Universidade Presbiteriana Mackenzie  
 Telefone para contato: 2114-8255

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) \_\_\_\_\_, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo,..... de ..... de.....

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante

## **ANEXO 3**

### ***ROTEIRO DAS ENTREVISTAS***

#### **1. Dados de identificação**

Data:

Nome (apenas iniciais):

Sexo:

Grau de Instrução:

Profissão:

Tempo que exerce a atividade de Guia:

Quantas vezes por semana:

Qual instituição:

#### **2. Roteiro para a entrevista com os guias.**

1. Fale-me sobre seu trabalho?
2. Conte-me como no seu trabalho acontece o relacionamento com a pessoa guiada?
3. Na sua opinião o que você considera mais importante ou interessante no seu trabalho?
4. O que há de mais complicado?
5. E na sua relação com o atleta guiado o que você observa como mais importante ou difícil ?
6. E como com outras pessoas, como é visto o seu trabalho?

## **ANEXO 4**

### **ENTREVISTAS E COMENTÁRIOS**

#### **1. Dados de identificação**

Data: 03 de março de 2008.

Nome (apenas iniciais): F.D.

Sexo: Masculino

Grau de Instrução: Superior – Educação Física.

Profissão: Treinador e Preparador físico

Tempo que exerce a atividade de Guia: 6 anos

Quantas vezes por semana: diariamente

Qual instituição: URECE – Associação de Esporte a Cultura para Deficientes

Visuais – Rio de Janeiro.

#### **2. Entrevista realizada com o guia.**

*1. Fale-me sobre seu trabalho, considerando como vê e como chegou e o que mantém?*

E o interessante do trabalho como guia é que nós trabalhamos além do nosso próprio sonho e o sonho de pessoas, naquele momento na pista nós estamos ali buscando o ideal ou o objetivo de vida até de muitos atletas, acho que isso é o que mais me motiva, poder ajudar e marcar na história dessas pessoas. Eu já tive uma experiência em uma paraolimpíada e aquele atleta que foi comigo eu consegui de certa forma, nós fomos amigos, companheiros e eu tenho a minha parte na história dele, toda vez que ele lembrar daquela experiência, ir para um outro país, ir para uma competição, ele vai lembrar que eu estava junto com ele guiando, sendo os seus olhos e o caminho para ele.

*2. Conte-me como no seu trabalho acontece o relacionamento com a pessoa guiada?*

É exatamente isso, não é só no momento da pista é o dia a dia, tem toda uma história eu e o atleta, saímos juntos, fazemos compras juntos, passeamos juntos, treinamos juntos para poder chegar na competição e dar o maximo, e o maximo de sincronismo possível eu procuro sempre trabalhar dessa forma, conquistar junto com ele dentro da pista é um elo, existe é até engraçado eles me conhecem como a forma de como eu chego, só pelo jeito de eu andar eles sabem mais ou menos como eu estou naquele dia, até mesmo o cheiro, esse sincronismo é muito necessário, essa convivência diária.

*3. Em sua opinião o que você considera mais importante ou interessante no seu trabalho?*

É importante por que são ideais compartilhados não é a vitória do só do atleta é a minha vitória, se acontecer de ele não conseguir dar resultado e eu não conseguir explorar o maximo, aquele fracasso vai ser o meu fracasso, nós vamos estar dividindo todas as sensações, nós somos um só naquele momento.

*4. O que há de mais complicado?*

É muitas vezes as pessoas não entendem por mais que nós tentamos, não conseguimos entender as pessoas. Nós estamos dentro daquela pessoa em um momento de competição, os nervos e os sentimentos estão muito a flor da pele, talvez essa a parte mais difícil você ter que conseguir tranquilizar aquela pessoa em momento que posso estar também nervoso, você tem que filtrar tudo o que acontece e tudo que acontece no meio externo, filtrar minhas emoções e sentimentos da melhor forma possível para o atleta.

*5. E na sua relação com o atleta guiado o que você observa como mais importante ou difícil?*

O sincronismo entre os dois. A corrida muitas vezes não adianta você estar bem ou mais forte ou mais veloz senão tiver uma coordenação, toda aquela parte da coordenação cruzada enquanto o braço direito esta na frente à perna esquerda é que não vai estar nem posição dos braços, a extensão dos membros inferiores

e superiores é que tem que sincronizar o atleta com o guia essa é a parte mais difícil, pois cada pessoa a sua ação e reação, o guia tem que conciliar a reação dele com a reação do atleta, estar na frente nem muito atrás tem que estar exatamente ao lado para não atrapalhar esse sincronismo para mim é o mais difícil. Explique melhor esse sincronismo? Existe fases para esse treinamento depois de um certo tempo de convívio fica tranquilo, passa a ser até natural, agora o problema é nem todas as associações, pois elas estão em desenvolvimento, tem condições de cada atleta ter o seu guia ou de uma associação ter o seu guia, tem competições de eu como guia já guiei 10 a 15 pessoas então aquele atleta que eu peguei naquele momento, sinto que não pude ajudar ele da forma como fosse necessário, da mesma forma que eu ajudei o meu atleta que eu tenho convívio no dia a dia.

*6. E com as outras pessoas, como é visto o seu trabalho?*

Pelas pessoas envolvidas ao esporte eles vêem o trabalho como muito gratificante, pra mim, eles entendem que eu estou aqui ajudando uma pessoa que estou buscando ideais daquela pessoa, eles vêem o trabalho como muito importante. O triste são as pessoas que não conseguem entender, as pessoas pensam que você está em alto nível e a pessoa ter um bom resultado tem que estar nos limites dela e não consegue entender por que você está levando aquela pessoa ao limite, no meu caso de guia e treinador muitas vezes o atleta está cansado e eu tenho que exigir um pouco mais dele, nem sempre quem está de fora consegue entender muitas vezes o esporte para deficientes é visto como ele já corre não precisa ser o melhor, pois se ele consegue superar a deficiência dele correndo vai estar bom, mas nós estamos convivendo uma outra realidade, nós temos atletas reconhecidos mundialmente e vivendo disso. Vejo nosso trabalho como tendo que desenvolver cada vez mais e com isso pegamos as faces de uma mesma moeda, tem quem critica e tem quem acha necessário, felizmente é necessário nessa parte. O trabalho é visto meio a meio, tem pessoas que ficam felizes com o trabalho e apóiam e tem quem negligencia o nosso trabalho. Tem quem deixa o deficiente em casa com uma visão totalmente contrária aos nossos ideais.

*7. Nas corridas de longa distância quando passando pelo Km 30 como fica a relação?*

O que acontece é que às vezes chega o meu limite e não é o limite do atleta ou vice versa, então quando percebo que o atleta esta bem e eu não, consigo mais forças e graças a Deus vem algo de dentro de mim e eu consigo acompanhar, pois o brilho do atleta faz com que eu tenha condições de criar uma força que eu não consigo explicar de onde vem. Uma certa vez eu sofri uma lesão séria e consegui terminar a corrida, a minha perna ficou em frangalhos o próprio fisioterapeuta não entendeu como que eu consegui chegar, apesar de que quando cruzei a linha de chegada eu cai. O que um guia tem que ser é um atleta e treinar um pouco mais do que o atleta guiado.

*8. Quantos guias são previstos em uma corrida de longa distância?*

Em uma maratona (42 km) é previsto até quatro guias, todas as corridas acima de 800 metros já é previsto revezamento de guias.

## **COMENTÁRIOS**

Para compreensão e adequação das perguntas frente aos objetivos será apresentada uma síntese da entrevista.

Atendendo o objetivo geral sobre o perfil motivacional de guias tive condições de observar que a motivação é atingir um ideal ou um objetivo de vida transformando aquele momento em sonho tanto do guia quanto do atleta com deficiência visual e com isso ajudar e marcar na história. O guia relata uma experiência em uma paraolimpíada onde o seu relacionamento foi marcante na vida dele e do atleta pois conviveram em outro país em clima de competição e tornaram-se amigos, companheiros e permanece na lembrança aqueles momentos muito significativos para eles, pois jamais iram esquecer.

No tocante ao seu trabalho e relacionamento com o atleta guiado tive condições de analisar e descrever o relato do guia no qual ele não fica limitado só no momento da pista mas existe toda uma história na relação entre ele e o atleta

guiado durante o período, pois saem juntos, fazem compras e passeiam e treinam juntos para poder atingir um sincronismo ideal, esse sincronismo é tão forte que os atletas guiados conhecem o guia pelo jeito de andar e até pelo cheiro e o atleta tem uma noção de como o guia esta naquele dia, o guia afirma que é muito necessário esse sincronismo e convivência diária. No tocante ao trabalho o que o guia acha de mais importante e interessante são os ideais compartilhados pois não é só a vitória do atleta mais a dele também, pois o fracasso do atleta é o fracasso do guia, pois todas as emoção e sensações vão estar divididas em todos os momentos devido que naquele momento eles são um só.

O trabalho também é motivado pelas pessoas envolvidas no esporte que vêm o trabalho como muito gratificante para os guias, pois entendem que o guia esta ajudando um atleta e que esta buscando os seus ideais.

Com relação aos objetivos específicos sobre dificuldades vivenciadas na pratica esportiva são a incompreensão de algumas pessoas que não entendem o motivo de quando em treinamento ou competição o atleta guiado é levado ao maximo, os nervos e sentimentos estão à flor da pele, e essas pessoas acham que não existe necessidade, pois ele já esta fazendo bastante de estar correndo na condição de atleta com deficiência visual, ou seja, certa compaixão e ao mesmo tempo discriminação, quando o guia leva o atleta ao limite mesmo ele estando cansado algumas pessoas tem dificuldades em entender, mas além de guia também ele é treinador e precisa sempre forçar um pouco mais e nesse ponto onde recebem comentários não muito agradáveis de ouvir e não conhecem que a realidade é bem outra esses atletas são capazes e reconhecidos mundialmente sendo que alguns já conseguem o seu próprio patrocínio e vivem disso.

O mais importante e difícil é o sincronismo entre os dois, durante uma corrida não adianta estar bem ou mais forte ou mais veloz tem que existir uma coordenação entre os dois, tais como o braço direito na frente e a perna esquerda atrás, o guia e nem o atleta guiado pode estar muito a frente ou atrás o ideal é estar ao lado, essa é a perna mais difícil tanto o guia como o atleta guiado tem que estar dentro dessa sincronia, para ter esse sincronismo é necessário um



treinamento por fases e depois de um certo convívio fica tranqüilo. Um outro ponto de dificuldade é a falta de guias e por vezes durante uma competição um guia precisa guiar vários atletas com deficiência visual o que prejudica, pois não são atletas conhecidos pelo guia, bem diferente daquele que treina e já tem um convívio, esse acaba tendo um melhor desempenho.

## **ANEXO 5**

### **ENTREVISTA PILOTO**

#### **1. Dados de identificação**

Data: 04 de abril de 2008.

Nome (apenas iniciais): M.R.P.C – GUIA 1

Sexo: Feminino

Idade: 43 anos

Grau de Instrução:

Profissão: Telemarketing

Tempo que exerce a atividade de Guia: 03 anos

Quantas vezes por semana: diariamente

Qual instituição: Projeto Motivação

#### **2. Entrevista realizada com o guia**

*1. Fale-me sobre seu trabalho, considerando como vê e como chegou e o que mantém?*

Eu corro há 7 anos. Eu vi uma necessidade de poder ajudar e eu fui convidada a assistir um Triátlon, tratava-se de um Triátlon solidário eram guias de deficientes visuais e portadores de síndrome de Down e eu queria ver como funcionava isso então eu fui assistir e fiquei sabendo de um projeto que existia e era o Projeto Motivação e fui convidada como funcionava o projeto de guias voluntários e acabei ficando até hoje e já fazem três anos e sinto um prazer enorme por que além de correr a gente esta podendo ajudar uma pessoa que não tem visão, então é muito bom fazer esse trabalho.

2. *Conte-me como no seu trabalho acontece o relacionamento com a pessoa guiada?*

Passa a ser íntimo até passa a ser um parente da pessoa uma irmã ou uma mãe por que praticamente depende de nós para fazer outras coisas, tomar água, ir ao banheiro e não é só guiá-los para a corrida, temos que pegá-lo no ponto de ônibus, atravessar a rua, ou seja, tudo e não é só correr com eles é um grau de proximidade muito próximo a partir do momento que começa a guiá-lo não fica restrito só ao projeto, ligamos um para o outro quando uma adoece, ou como esta a família.

3. *Em sua opinião o que você considera mais importante ou interessante no seu trabalho?*

É difícil de dizer, mas é a confiança que eles têm em nós por que se fosse ao contrário eu não teria a coragem que eles têm, eu acho que talvez eu não correria, pois eles se entregam para a gente, eles confiam demais na gente para poder guiá-los, trata-se de uma ligação muito forte.

4. *O que há de mais complicado?*

O mais complicado é no dia da prova eu acho, pois tem pessoas que ainda não conhecem deficiência e chegam a tirar sarro da cara da gente, pois estão ligados pela corda e somos duas mulheres falam que *só faltam se beijar*, uma esta carregando a outra, *bi sexuais, vão casar desse jeito, elas não estão agüentando por isso que esta puxando a outra*. Essa é a parte mais complicada é no dia da prova.

5. *E na sua relação com o atleta guiado o que você observa como mais importante ou interessante difícil?*

É o sincronismo. Eu tenho que estar no ritmo dele eu procuro ficar no ritmo jamais ela no meu, pois a minha passada é um pouco maior, pois sou bem mais alta que ela. Procuro encaixar o meu braço, encostar no dela no dela e manter o mesmo ritmo para frente e para trás, e a passada é a mesma dessa forma. E no caso da linha de chegada, qual o seu posicionamento? Eu tenho que ficar atrás do cotovelo dela, eu não posso ficar a frente e durante a corrida eu tenho que

observar tudo, não posso puxar, no caso da K... ela é muito leve e um desvio do braço ela já sabe, tudo é avisado a ela, buraco, curvas e tem certas palavras que nós já estamos acostumados por exemplo; asfalto que tem buraco, ou concertado eu falo “rústico” e ela vai sentir que esta grosso o negocio, lombada eu falo “passão”, “passinho”, uma poça d’água, não é tudo que podemos desviar tem uma hora que vão se assustar com uma viradinha de pé, um papel que pisam, treino é uma coisa mas uma corrida (competição) nem tudo nós vamos desviar.

Eles precisam estar sempre motivados, a gente tem que estar falando, se tiver gente assistindo a corrida é melhor ainda ai eles precisam dessa ajuda fora a nossa, pois se o guia ficar quieto o tempo todo ele vai sentir nenhuma motivação, a gente tem que motivar bastante...grita !!!! Cante !!!!! Faça alguma coisa, ou seja, extravasar um pouco.

#### *6. E com as outras pessoas, como é visto o seu trabalho?*

Todos dão os parabéns, a maioria parabeniza né, mas a gente chega convidar as pessoas para vir conhecer o projeto, mas muitas dizem que vem, mas não vem, tem medo ou aquele receio de como vão tratá-los, mas os deficientes visuais são iguais a nós só não tem a visão, explicando direitinho o que é para ser feito eles fazem, o caso dos que tem baixa visão ou perderam é diferente dos que não tem visão já desde que nasceram, pois precisam de mais explicações para ter uma idéia do que fazer.

#### *7. Como fica a motivação nas corridas longas e as lesões?*

No meu caso a própria motivação é ela (K....) eu às vezes nem sinto dor e às vezes to cansada, não posso parar por causa dela e tenho certeza que é vice-versa, ela pensa a mesma coisa que eu nós até temos quando uma corrida longa e não estamos conseguindo uma aperta a mão da outra e aquilo da força, já transmite uma sensação superior de força para dar uma para a outra.

## **COMENTÁRIOS**

Para compreensão e adequação das perguntas frente aos objetivos será apresentada uma síntese da entrevista.

O guia chegou a esse trabalho quando assistia um Triátlon solidário que tinha a participação de guias de deficientes visuais e sentiu vontade de ajudar, portanto procurou o projeto motivação e foi convidada e acabou iniciando o seu trabalho como guia voluntaria e o que a motiva nessa atividade é o prazer de ajudar as pessoas que não tem visão e acha muito bom fazer esse trabalho.

Ela afirma que o trabalho como guia estabelece um relacionamento que passa a ser intimo é como se fosse um parente, pois dependem do guia para fazer atividades como beber água, ir ao banheiro, pegar o ônibus, atravessar a rua, ou seja, tudo não se limita apenas em guiá-los, inclusive em casos de doença ou relacionamento com a família.

O mais interessante no trabalho, o guia achou difícil afirmar, mas acha que antes de tudo é a confiança e também acha difícil ter essa confiança se estivesse no lugar dela, pois é uma verdadeira entrega e eles confiam demais nela (guia), a ligação é muito forte e isso é que sustenta a permanência em atividades esportivas e competitivas.

As dificuldades vivenciadas pela guia são o dia da prova, pois tem pessoas que ainda não conhecem deficiência e chegam a usar palavras inconvenientes por que elas são ligadas por uma corda e são mulheres e expressões tais como; “só faltam se beijar”, “vão se casar desse jeito”, “uma esta carregando”, “uma não esta agüentando é por isso que esta puxando” e essa parte é a mais difícil e complicado o que pode entender como preconceito.

O sincronismo é outra parte difícil, pois necessita de treinamento, pernas, braços e posição em relação ao atleta guiado e nessa parte têm que estar falando o tempo todo quanto ao ritmo que são as passadas iguais uma da outra, existe algumas palavras próprias tais como; passinho, paixão e rústico dentre outras próprias, uma outra parte difícil é durante a competição, pois afirmam que treino é uma coisa e competição outra, pois nesse momento precisam de motivação e essa motivação vem do publico ou pessoal do guia tipo “cante”, “grite”, ou seja, fazer alguma coisa.

O que motiva bastante esse trabalho foi notada que é satisfação e o prazer de ajudar e também quando pessoas parabenizam pelo trabalho e o

reconhecimento da possibilidade de treinar e competir em igualdade de condições apenas é o método de treinamento que apenas afirmam que precisam explicar de uma forma correta o que deve ser feito.

No caso da exaustão na competição a guia afirmou que é a atleta que motiva e também acha que é recíproco, pois no momento de dificuldade uma aperta a mão da outra.

Devido o exposto nessa entrevista achei por bem abrir um capítulo sobre pré conceitos, pois não só nessa entrevista notei idéias e conceitos pré-estabelecidos a respeito.

## **ANEXO 6**

### **ENTREVISTA 1**

#### **1. Dados de identificação**

Data: 05 de abril de 2008.

Nome (apenas iniciais): M.C.S. S GUIA 2

Sexo: Feminino

Idade: 39 anos

Grau de Instrução: Superior - Educação Física

Profissão: Professora de Educação Física

Tempo que exerce a atividade de Guia: 03 anos

Quantas vezes por semana: diariamente

Qual instituição: Projeto Motivação

#### **2. Entrevista realizada com o guia**

*1. Fale-me sobre seu trabalho, considerando como vê e como chegou e o que mantém?*

Eu trabalho como guia por conta da minha formação em educação física eu procuro ajudar para que eles tenham uma vida melhor, ter mais segurança eu acho que eu passo muitas informações para eles, aprendi a guiar, mas acho, mas o aprendizado é diário, e você não tem noção o que encontramos na frente e eles ajudam bastante, superamos as dificuldades, vai alertando e conversando com eles e fazer o melhor possível, sou voluntaria e gosto do meu trabalho, eu acho que acima de tudo é gostar da minha profissão e gostar do que eu faço, não fazemos nada obrigado, aqui é o amor que manda mais alto.

*2. Conte-me como no seu trabalho acontece o relacionamento com a pessoa guiada?*

Tem o contato e o lado social, a gente procura sempre fazer uma reunião, uma pizza de vez em quando, um aniversário, final de ano tem uma festa de confraternização, se tem um lado do treino e o lado social que é muito importante também

*3. Em sua opinião o que você considera mais importante ou interessante no seu trabalho?*

O mais importante eu acho que é o resultado, é assim, o trabalho e o empenho que tem com eles, se te teve boa aceitação, se melhoraram o tempo quando participam das competições ou mesmo os que começaram a fazer atividades físicas diária.

*4. O que há de mais complicado?*

É assim, prestar a atenção no caminho e no percurso, dia de competição você fica nervosa e você tem que passar tranquilidade para ele então muita gente na hora da corrida o que preocupa e eu acho que é complicado, mas você tem que ta sanando tudo isso pra você dar o melhor, passar segurança para eles. O sincronismo também é complicado, ele tem fases e à medida que eles vão acostumando, cada um tem um jeitinho de falar e de fazer, principalmente nas competições, tem que estar inteirado (pé, braço e velocidade).

*5. E com as outras pessoas, como é visto o seu trabalho?*

Todos que vem, é assim, é dão os parabéns acham que é complicado, não é fácil, dizem que estou no caminho certo, eles elogiam bastante, às vezes pessoas desconhecidas passam por nós e elogia o que a gente faz eu acho que tem aos pouquinhos o reconhecimento, ainda existem muito assim, as pessoas que não conhecem, não entendem por que esta correndo com a guia e a corda, mas acho que com o passar do tempo as pessoas entendem e se conscientizando do trabalho feito.

*6. Como fica a motivação nas corridas longas e as lesões?*

Aah!!!! É vontade de ajudar os outros é gostar do que faz, a motivação da gente vir aqui encontrar com pessoas, reunir o pessoal, eles vêm com problemas e saem melhor, procuram esquecer as coisas e correr, conversar, acho que é



isso. E no caso de lesões temos orientação para parar e não forçar e explicar remotivando.

## COMENTÁRIOS

Para compreensão e adequação das perguntas frente aos objetivos será apresentada uma síntese da entrevista.

A guia tem formação em educação física é professora e sentiu vontade de ajudar o projeto motivação como guia voluntaria e com isso a oportunidade de ajudar o deficiente visual para que tenham uma qualidade de vida melhor superando dificuldades e encontra no seu trabalho dificuldades pela frente que é difícil de imaginar e com isso ambas apreendem a superá-las, mas diz que tudo que é feito não é obrigada, pois o amor é que manda mais alto e faz o melhor possível.

O relacionamento com a pessoa guiada tem o lado social e sempre o projeto procura fazer uma reunião tais como uma pizza de vez em quando, um aniversário, final de ano tem uma festa de confraternização, tem o lado do treino e o lado social que é muito importante e isso é o que sustenta a permanência na atividade.

Considera o mais importante é o resultado e o desempenho e o que a atividade física trás de bom para eles.

As dificuldades vivenciadas durante competições e treinamentos é prestar atenção no percurso, controlar o nervosismo no dia da competição, pois existe muita gente o que preocupa e com isso não deixar o atleta guiado ter esse sentimento (reflexo) de preocupação do guia e precisa passar tranquilidade, mas afirma que tem que ir sanando tudo aos poucos. O sincronismo é outro ponto que precisa de treinamento e acha um ponto complicado e tem fases à medida que o atleta guiado pratica a corrida aos poucos e naturalmente e com jeitinho vão se inteirando.

O trabalho é parabenizado e todos dizem que esta no caminho certo e aos poucos vão reconhecendo esse trabalho, mas tem os que não conhecem o trabalho, mas com o passar do tempo vão reconhecer aos pouquinhos.

Algumas das dificuldades vivenciadas são o sincronismo e o desconhecimento de algumas pessoas.

Quanto a lesões e corridas de longa distancia é a vontade de ajudar e gostar do que faz e o resultado, pois eles vêm com problemas e saem melhor, procuram esquecer, correr e conversar.

## **ANEXO 7**

### **ENTREVISTA 2**

#### **1. Dados de identificação**

Data: 08 de abril de 2008.

Nome (apenas iniciais): W - GUIA 3

Sexo: Masculino

Idade: 42 anos

Grau de Instrução: Superior - Educação Física

Profissão: Militar (PM) Professor de Educação Física

Tempo que exerce a atividade de Guia: 08 anos

Quantas vezes por semana: diariamente

Qual instituição: Projeto Motivação

#### **2. Entrevista realizada com o guia**

*1. Fale-me sobre seu trabalho, considerando como vê e como chegou e o que mantém?*

Na verdade o projeto motivação surgiu em 2004 através de uma solicitação de um amigo meu, pois esse amigo teve um acidente e perdeu a visão então ele me pediu que eu o guia-se e o acompanha-se em treinamento, no inicio caminhando, trotando e depois correndo eu achei um pouco estranho porque nunca tinha visto uma pessoa com deficiência visual naquelas condições praticando essa modalidade esportiva então em 2001 eu entrei na faculdade de educação física e em uma ocasião nos jogos paraolímpicos eu vi uma moça correndo uma prova ai sim eu vi que era possível fazê-lo correr sendo guiado por mim e a partir daí eu desenvolvi uma série de estudos e entrei em contato com

algumas instituições, pessoas que já desenvolviam trabalhos nesse seguimento e ai fomos desenvolvendo convidamos esse meu amigo e esse amigo convidou outras pessoas com deficiência visual e daí o negocio foi fluindo e chegando aos dias atuais. O que mantém você nesse trabalho, você é remunerado? Não. O trabalho é voluntario e também o projeto não é ligado a nenhuma ONG ou nenhuma entidade e também não recebemos ajuda de nenhum órgão tanto na esfera municipal, estadual ou federal e o que existe sim é uma iniciativa e motivação daí o nome do projeto e todas as pessoas ligadas a ele no primeiro momento praticam atividade física notadamente na caminhada e na corrida e ter uma integração com uma pessoa com deficiência e acima de tudo não se propor a fazer o papel de coadjuvante nessa relação entre guiar e participação nos eventos esportivos que é a motivação que nos move a cada dia para estar prosseguindo com o trabalho, o pessoal se senti bastante motivado notadamente os nossos guias voluntários, eu percebo um brilho nos olhos deles e estar aqui auxiliando tanto nos treinos quanto nos eventos esportivos e o que nos mantém é a esperança de um condicionamento melhor e ter a saúde um pouco mais prolongada através da pratica de exercícios planejados e acompanhados.

*2. Conte-me como no seu trabalho acontece o relacionamento com a pessoa guiada?*

Primeiramente gostaria de deixar claro que não é só em tese seria uma coisa simples pegar uma pessoa pedir para que ela segure a ponta de uma toalha, cinta ou corda e saindo correndo com ela no primeiro momento, parece ser uma coisa simples, fácil, mas com o transcorrer da atividade não é tão fácil assim, você tem que convencionar alguns códigos notadamente para aquelas pessoas que não enxergam (totalmente sem visão) e assim a corrida ela é até uma pratica nata de todo mundo, pois nascemos sabendo correr, só que o deficiente visual principalmente o cego de nascença ele tem dificuldade porque quando fala em correr ele nunca visualizou a mecânica de corrida, ou seja, como é feito esses movimentos então é assim aqui no projeto primeiro nós ensinamos o movimento de corrida depois nós estabelecemos alguns códigos para que no deslocamento eu possa movimentar para o lado esquerdo ou para o lado direito fazer uma curva para direita e fazer uma curva para esquerda e evitar que o atleta

bata no obstáculo ou venha cair no buraco ou nesse sentido então nós estabelecemos e é feito um treinamento constante e no projeto os treinamentos são três vezes na semana; Terças, quintas e sábados e completam em academia com exercícios assistidos, também acompanhados pelo pessoal do projeto e mais nas corridas em si na caminhada é estabelecidos alguns sinais para que facilitem a locomoção de lateralidade ou até mesmo evitar um obstáculo isso é estabelecido pelo guia, fora isso existe uma aproximação maior, pois não é só questão da corrida esse relacionamento acaba se estreitando e passa assim a ser uma coisa mais íntima, pois a pessoa com deficiência visual acaba confiando alguma coisa para o guia da vida dele, cotidiano, o guia por sua vez também acaba confiando algumas coisas no fundo acaba sendo uma ajuda mútua eu empresto a minha visão para uma pessoa a pessoa corre e eu ajudo a corrigir a postura delas e ela me passa todos outros ensinamentos de vivência e tudo soma e conseguimos conseguir esse resultado depois de todo esse tempo. Explique como funciona os códigos ¿No primeiro ano do projeto nós estabelecemos alguns códigos para que nós pudéssemos deslocar as pessoas, primeiramente foi feito uns treinamentos de corrida nós cercávamos um percurso com cordas e as pessoas cegas e com baixa visão elas tinham que passar por dentro deste percurso, elas percorriam dentro daquele percurso, já para participar em provas abertas nós estabelecemos o seguinte; Nós demos uma olhada no regulamento e o regulamento dizia que tinha que ter uma cinta com determinado comprimento então ficou desta forma; Se eu estiver a direita e a pessoa com deficiência visual quer ela seja cega ou seja baixa visão estiver a minha esquerda caso eu queira fazer a pessoa ir deslocar para o lado direito eu com minha cordinha atada punho a punho ou cotovelo cotovelo ou até mesmo pela cintura, ou pela mão eu puxo e venho puxando essa cordinha para o lado direito eu vou sempre verbalizando para o atleta que nós vamos virar a direita nós já estamos virando a direita e esse é o sinal que a gente estabelece caso eu queira deslocar para o lado esquerdo o que eu faço? eu tento aproximar o meu corpo e encosto sutilmente vou deslocando a pessoa para o lado esquerdo e verbalizando, nós estamos entrando para a esquerda, nós entramos à esquerda. Convencionamos alguns sinais caso surgir um risco eminente e eu queira evitar que a pessoa

venha a sofrer um acidente ou choque ou até uma lesão, então nesse caso avisamos o perigo e em um primeiro momento atravessamos o nosso braço na altura do abdômen do atleta e ai ele já sabe que tem obstáculo e imediatamente reduz a marcha e em um segundo momento nós tiramos e puxamos a pessoa do obstáculo isso nós vamos balizando para que a pessoa não venha a ter quedas. Nesses cinco anos de projeto tivemos alguns casos de quedas e foram mais proporcionadas por esbarroes por trás e em lombadas é interessante que o guia fique sempre alerta, não só correr com a pessoa, o guia tem que estar atendo a tudo, o guia

*3. Em sua opinião o que você considera mais importante ou interessante no seu trabalho?*

É assim Francisco, eu sou um apaixonado pelo atletismo fui atleta durante muitos anos gosto muito do que eu faço as minhas leituras na área de educação física estão voltadas para atletismo cria-se uma aproximação muito grande com o seguimento de pessoas com deficiência visual e eu tenho procurado ler muito sobre o assunto.

*4. O que há de mais complicado?*

Primeiramente eu acredito na relação guia com a pessoa com deficiência visual conforme eu falei em uma pergunta anterior o deficiente visual tem a limitação visual, mas tem os seus problemas tais como; depressão, problemas com a família e problemas financeiros que acaba influenciando o seu desempenho o guia por sua vez vem de um dia de trabalho exaustivo então a parte mais complicada é motivar esse pessoal todo treino e depois estabelecer uma relação de confiança, pois a pessoa com deficiência ela não se senti segura para praticar a corrida com um determinado guia, ela não sai do local. Outro ponto complicado no treinamento é o sincronismo o regulamento da associação mundial de atletismo ela fez uma versão voltada para pessoas com deficiência lá no regulamento diz que o guia nunca poderá estar a frente da pessoa o melhor é ficar um pouquinho atrás esse cuidado nós tomamos nos treinamentos. Jamais o guia deve puxar o pessoa para frente porque em uma prova oficial pode correr o risco da equipe ser desclassificada então nós tomamos cuidado no treinamento

de tentar sincronizar o passo do guia com deficiente visual e procuramos colocar sempre as pessoas que estão no mesmo plano de treinamento e no mesmo plano de ritmo .O que é o ritmo? Ritmo é o seguinte: Eu faço um quilometro em cinco minutos e meio então se o deficiente visual faz na casa de cinco minutos e meio nós procuramos colocar guia e atleta iguais com o mesmo desempenho para que o sincronismo fique mais fácil pois se o guia está em um plano bem superior de treinamento do que o deficiente visual o guia poderá se distrair e ir a frente e dar a impressão de ser puxado

*5. E com as outras pessoas, como é visto o seu trabalho?*

Muita gente felicita, acha bacana, mas assim efetivamente eu acho que só isso não basta acho que o interessante seria se nós pudéssemos ter um número de pessoas maior abordando a causa. Eu fico feliz que hoje vários deficientes praticam esporte aqui na praia e fico muito feliz por isso é um sinal que o trabalho está dando certo e sou muito feliz por isso pois já fomos objeto de reportagens, jornais e televisão.

*6. Como fica a motivação nas corridas longas e as lesões?*

O atleta ele tem que estar sempre treinando uma vez ele treinando é muito provável que não venha a ter problemas em uma prova longa, e no caso dos guias eu posso fazer revezamento de acordo com o regulamento e no caso de durante uma prova um atleta não se sentir bem tem que haver uma cumplicidade entre os dois de abortar ou desistir daquela prova isso não pode criar nenhum tipo de constrangimento, os guias do projeto são orientados quanto a isso o projeto está acima de qualquer vaidade.

## **COMENTÁRIOS**

Para compreensão e adequação das perguntas frente aos objetivos será apresentada uma síntese da entrevista.

O guia através de um pedido de um amigo deficiente visual que gostaria que ele o guiasse, pois este sofreu um acidente, na época achou estranho, mas procurou informação a respeito dessa atividade, pois até aquele momento apenas

tinha atividade como atleta e por ocasião dos jogos paraolímpicos ele viu uma moça correndo uma prova e sentiu vontade e condições de fazer o mesmo, baseado na sua formação em educação física estudou a respeito e desenvolveu o projeto motivação onde reúne vários guias e atletas com deficiência visual é um projeto que todos são voluntários sem remuneração e ninguém recebe ajuda de nenhuma instituição. O projeto e o trabalho e o resultado dão muita motivação para continuar com o trabalho tendo em vista a satisfação e a qualidade de vida que os atletas com deficiência visual passam a possuir e observa muito claramente no brilho dos olhares dos praticantes isso entusiasmo e dá forças para continuar com esse trabalho que ele gosta muito.

O relacionamento e o trabalho não ficam limitados apenas às corridas e sim o domínio das técnicas que não são tão simples como ele afirma, “não basta segurar o atleta por uma toalha”, mas ensinar o sincronismo e como entender com o guia e vice-versa através de códigos e o sincronismo de pernas braços e velocidade e as regras da corrida em competições. O relacionamento não fica limitado só aos treinos e conhecimentos, mas sim acaba por se tornar íntimo, pois a pessoa com deficiência confia com o guia problemas particulares e essa convivência é tão ampla que por fim até o próprio guia acaba confiando algum problema íntimo seu e acaba sendo uma espécie de ajuda mútua o guia empresta a visão e a soma da vivência transforma-se em resultado positivo. O guia explicou toda a sistemática e técnicas do sincronismo em detalhes.

O mais importante que o guia destacou foi que ele é apaixonado por atletismo e foi atleta durante muito tempo e então tudo para ele é voltado para o estudo na área e acaba por criar uma boa aproximação e desenvolvimento da sua atividade, pois ele gosta muito do seu trabalho.

O que ele achou de mais complicado na atividade foi o sincronismo que sem dúvida é o lado marcante do treinamento e na atividade competitiva o outro lado foi que deficientes visuais apresentam problemas tais como: depressão, problemas com família e problemas financeiros isso tudo tenta amenizar com a atividade física o que também é um fator prejudicial no desempenho, mas existe uma relação de confiança enorme ele afirmou e procura colocar as pessoas com igualdade para não ter problemas de ordem psicológica.



O seu trabalho é visto por outras pessoas com felicitação todos acham “bacana” como ele diz, mas isto não basta às pessoas precisam abraçar a causa e ajudar e ele sente orgulho e motivado pelo trabalho e reconhecimento, pois já fez parte de vários programas de TV e noticiários.

Quando por ocasião da pratica competitiva ocorrem lesões e exaustão, mas ele afirma que um atleta bem treinado não tem esses problemas e que a cumplicidade dos dois atletas e guia deve existir e não ter constrangimentos, pois quando não tiver condições outro deve desistir, pois o projeto esta acima de qualquer vaidade.

## **ANEXO 8**

### **ENTREVISTA 3**

#### **1. Dados de identificação**

Data: 30.04.2008

Nome (apenas iniciais): N.O - GUIA 4

Sexo: Masculino

Idade: 44 anos

Grau de Instrução: Superior Completo

Profissão: Consultor em Gestão de Qualidade e meio ambiente

Tempo que exerce a atividade de Guia: 3 anos

Quantas vezes por semana: 02 dias de treino e em competições

Qual instituição: CORPORE

#### **2. Entrevista realizada com o guia**

*1. Fale-me sobre seu trabalho, considerando como vê e como chegou e o que mantém?*

Sim é uma forma do cidadão ao mesmo tempo assim.... em grupo no caso da Corpore, Corredores Paulistas reunidos , é uma forma individual de ter uma atuação social, Corpore não incentiva pessoalmente espera que a motivação seja natural, você pede para participar do programa de guia voluntario é uma coisa que é de fórum intimo, mas saber que o poder publico é ineficaz em uma serie de coisas, o poder fala muito em inclusão social mas só tem discurso não vemos e não vemos na pratica ações concretas. Existe uma serie de atletas com

deficiência visual amputados e deficientes mentais e cadeirantes e eles ficam presos em suas casas, nem sequer vão em escolas as famílias não deixam, muitas vezes fica aquela coisa de pequeninho, coitado ele tem problemas e no nosso caso incentivamos a prática de esporte e mostrando que é possível. Vou dar um exemplo de como é um cego, você é os olhos daquela pessoa, (repetiu) você é os olhos daquela pessoa, você é o protetor daquela pessoa naquele momento você tem que estar preparado para protegê-lo dos riscos que tem uma corrida, pois uma corrida pode acontecer de tudo, uma queda, uma lesão mais grave e o atleta pode ter uma indisposição e você tem que estar preparado para prestar os primeiros socorros é aquela coisa de você, de sentir.. pois muitas vezes ele não fala e não consegue expressar com palavras, mas você olha pra ele e você percebe isso é um trabalho social que eu decidi desenvolver por conta minha, quero perpetuar e é uma coisa que a cada corrida você cruza uma linha de chegada com o portador de deficiência visual aquilo te dá mais garra de viver, motiva mais a sua vida, te dá energia te dá força por que ali você sente na prática que uma pessoa com todas as limitações possíveis e imagináveis o quanto ele supera, e com isso aprendo a ter mais controle na minha vida pois a medida que tenho contato com o atleta e faz uma série de atividades você que espera aí um grau de classificação de problemas você revisa, pois coisas que você dava um determinado grau você pensa! Isso não é problema, isso não é nada, isso é algo para resolver o problema.

*2. Conte-me como no seu trabalho acontece o relacionamento com a pessoa guiada?*

É difícil, é difícil não que você não consegue se relacionar mas é difícil desde o primeiro contato porque via de regra nas provas da Corpore nós não temos um atleta que sempre corre comigo é o que nós estamos mudando e interessante que um determinado atleta no caso da D... é interessante que ela tenha um controle, ela tem conflitos internos com ela, ela tem uma determinada postura, ela tem um jeito de ser, que acontece; Ela já se abriu ela me permite, ela se entrega a mim durante a corrida no momento que a gente coloca a cordinha ali ela se sente bem, ela tem confiança no guia que está ao lado dela, mas é difícil para o guia quebrar essa barreira, por mais receptivo que o atleta seja ele tem

receios, existem barreiras então os primeiros minutos desde antes de começar a corrida. A largada que é um momento de tensão, muita tensão é como uma largada de fórmula 1, é o momento mais crítico de uma corrida, é a largada e são momentos difíceis pois tem muita gente abordando o atleta, primeiro; tenho que quebrar essas barreiras que afetam o desempenho da corrida pois corrida não é só força e energia, preparo físico mas é mente, a mente tem que estar muito melhor do que o físico, você tem um pouquinho mais de dificuldade às vezes. Eu tive uma experiência com uma senhora de uns quarenta anos de idade que vinha de Santos, e o que aconteceu, ela veio correr e veio com uma guia dela que treinavam durante a semana e é sempre a mesma pessoa que leva ela as corridas e elas já se conhecem há muito tempo e são mulheres as duas, e tem esse outro lado ambos os sexos, então as duas tem um vínculo muito grande, então o que aconteceu! Por volta do meio da corrida a guia começou a passar mal e a guia não aceitava muito essa coisa dos guias da Corpore pois na Corpore ninguém pode correr sozinho, sempre tem um guia da Corpore acompanhando e então a guia passou mal teve uma indisposição mas foi lutando para não deixar a atleta dela e ai uma hora que ela passou mal mesmo ela tirou a cordinha que une ela ao atleta e colocou na minha mão, eu estava do lado, e disse: “Corre com ela”, e disse para mim: “Guia ela até o final”. Eu até assustei, mas ela disse que não estava passando bem e estava legal, apenas indisposição e disse para mim: “Fica tranquilo, eu encontro vocês na chegada, no fim do tapete”. Falei: “tudo bem”, agora a atleta ficou reclamando dizendo para a guia “Se você vai parar eu também vou parar!”, e ela (guia): “Não, não, se você chegou até aqui você vai acabar, você vai correr com o N.... ele vai te levar, ta, antes de vocês chegarem eu já vou ver vocês de longe fique tranquila eu vou estar te esperando mas a deficiente visual dizia: “Eu não vou, eu não vou” e já começou a diminuir a velocidade, e a guia não estava conseguindo nem falar pois não estava passando bem ai eu falei vamos lá, vamos correndo, ela vai estar lá esperando a gente, e nós já passamos a metade da corrida, ai eu disse em quinze minutos você vai encontrar com ela fique tranquila nesse ponto ela ficou séria e continuou correndo, (ela, a atleta dizia) será que ela está bem? Fique tranquila, eu dizia nós já estamos chegando e aí ela se animou, e começou a perguntar quantos

quilômetros já fizemos ai eu falei foi tanto então a atleta disse vamos ter que acelerar pois eu fiz uma aposta com o meu colega, um outro cego e aí ela já se soltou e a gente acabou a prova numa boa. Então tem situações que são bem complicadas, com o cego é mais difícil pois vai do poder da sua capacidade de convencimento o cego para guiar é mais fácil do que o deficiente mental pois o cego não altera constantemente o seu comportamento e o deficiente mental altera de repente. Qual foi a aposta? Um lanche no Mc Donalds, normalmente fazem essas apostas pequenas, as vezes um cafezinho, são coisas bem simples e simbólicas.

*3. Em sua opinião o que você considera mais importante ou interessante no seu trabalho?*

É justamente em termos práticos incentivar a inclusão social dar a oportunidade que a própria família impede chegando até prender o deficiente em casa chegando até ser as vezes com correntes, pois acho eles uns coitados, não sabem se virar no mundo então deixam eles presos e aí nós incentivamos essas pessoas e acabam até como atleta de elite

*4. O que há de mais complicado?*

Primeiro; nós conduzimos o atleta ele que nos conduz, é algo que monitoramos muito nos guias, é ideal que o guia tenha um ritmo um pouco melhor que o atleta, temos que ter preparo físico, tem que ter e sempre estar preparado além da tua capacidade para superar situações adversas. Segundo ; ééé vamos chamar de total falta de respeito dos participantes da prova, é incrível, é incrível, você tem que ter sempre uma moeda de dois lados, vamos começar com o lado bom tem aqueles que a gente ta correndo ligado ao atleta com deficiência, a gente está concentrado com o ritmo da corrida, as pessoas passam pelo nosso lado e apertam a nossa mão e dão os parabéns, agora tem aqueles que querem passar pelo meio onde eu estou ligado pela corda tentam tirar a corda do meu braço e forçam a passagem alguns levantam o braço para passar por baixo entre eu e o atleta, dão cotovelada, eu mesmo durante uma prova não foi uma nem duas vezes eu levei cotoveladas, pois o corredor não entende e quer passar a força chegando a agressão e mesmo a gente com a camiseta explicativa de guia

voluntario escrito, e o cego tem escrito na camiseta “cego” e precisa de uma atenção especial o que eles não entendem são egoístas, então em um evento que estamos lidando com saúde e qualidade de vida convívio social e inclusão temos problemas existe provas com dez mil participantes ou seja um numero considerável de seres humanos temos uns com atitudes desumanas.

*5. E com as outras pessoas, como é visto o seu trabalho?*

Isso é bem curioso, quando alguém fica sabendo desse trabalho então a primeira reação percebo pelo rosto, cara de espanto, primeiro porque dizem que não sabiam que tinha isso mas nós guias da Corpore ficamos no anonimato pois o ator é o atleta mas as pessoas depois que ficam sabendo que tipo de atleta você conduz a pessoa se imagina ela cega e acha que nunca um cego vai correr, pois se tiver um buraco ela vai cair lá, então eu digo a gente vê o buraco e consegue desviar o cego desses buracos por exemplo para a gente fazer uma curva é automático para o vidente mas para o cego é diferente, pois eu falo o tempo todo dessa forma; direita continue a direita e as outras pessoas vêem e acham estranho e ficam chocadas. O sincronismo é um ritmo não é todo mundo que consegue correr guiando um cego porque as particularidades de você guiar uma pessoa com deficiência visual são diferentes, quanto ao posicionamento de braço né por exemplo; se o cego está com todo o braço levantado o tempo todo você tem que ficar no ritmo deles ou fazer a correção de postura temos que verificar a passada, assim o sincronismo de braços passada e velocidade tem que ser administrado nos vários trechos da corrida pois nem sempre os trechos são planos temos subidas e descidas pois para subir você tem que mudar o ritmo e para descer outro ritmo sendo que a descida é a mais perigosa não é como todos dizem que para descer todo santo ajuda então na descida poderemos ter acidentes gravíssimos lesões, etc.

*6. Como fica a motivação nas corridas longas e as lesões?*

O que acontece toda corrida tem que existir um planejamento, primeiro é de quem organiza a prova, agora você quando vai participar da prova você tem que conhecer o traçado e quilometragem, e você tem que fazer a pergunta, tem condições de fazer isto? E a resposta deverá ser sim ou não. No caso de sim

tenho que saber qual ritmo tenho que estabelecer uma velocidade por km minuto. Eu só vou acompanhar um atleta se tenho condições, a minha experiência me ensinou que eu tenho que estar um pouquinho melhor. O meu objetivo é começar correr e completar o percurso e acabar bem a corrida tendo tudo isso essa motivação e se você tem lesão como aconteceu comigo dar uma pisada meio torta uma de distensão devido não ter feito o alongamento correto, mas você tem aquela missão, “eu comecei essa corrida com este atleta e preciso acabar com ele”, pois ele está em minhas mãos ele é totalmente dependente de mim o momento que a gente cruzar a linha de chegada e ele e eu voltarmos para o convívio familiar e aí eu passo a responsabilidade. Então necessitamos de planejamento, também pensar nas condições climáticas, por exemplo; nós temos uma corrida no centro histórico numa época que o tempo está frio então você tem que estar preparado para isso. Com relação ao pique do atleta ele não cai de forma alguma muito pelo contrário a garra que eles tem a cada minuto que você corre a garra aumenta mais eles tem uma energia interior que eu não sei de onde eles tiram e se você falar vamos correr mais agora e por mais que você perceba que ele está cansado demonstrando sinais de fadiga e você diz vamos acelerar ele vai acelerar pode ser que ele não agüente mas ele vai acelerar. Quando você está guiando, você se sente um técnico, um treinador ou apenas um guia? Tudo, tudo isso e mais uma coisa amigo um amigo né amigo no sentido mais sublime da palavra, amigo alguém que eu quero bem, alguém que não precisa falar eu sou seu amigo, pois sabe que eu sou amigo não precisa falar e naturalmente se um dia você precisar de um auxílio não precisa me pedir e naturalmente você vai ter duas mãos estendidas então é nesse sentido é uma coisa de cumplicidade.

## COMENTÁRIOS

Para compreensão e adequação das perguntas frente aos objetivos será apresentada uma síntese da entrevista.

O guia é voluntário do projeto Corpore, chamado por “Guia Voluntário Corpore” e tem como finalidade nos dias de competições guias deficientes visuais

que não tenham guias disponíveis e com isso descreve algumas vivências e sua experiência.

Comentou sobre o seu trabalho no tocante aos riscos durante as competições tais como lesões e o trabalho de primeiros socorros que as vezes tem necessidade de fazer e para tal necessita treinamento, relatou os casos de indisposição ligados a saúde durante a prova do seu guia que além de guia é treinador, técnico e preparador físico e rejeição de guias que não são conhecidos pelos atletas com deficiência visual devido a apropriada relação de confiança que mantém então o guia Corpore assume como guia o que causa constrangimento e recusa e com isso a necessidade do seu guia convencer a ser guiado por outro o que demonstrou o quanto é forte essa relação.

No tocante a motivação ele relata que é a vontade de participar dessa inclusão social e com esse trabalho ele sente-se mais fortalecido emocionalmente o que torna a sua vida melhor perante os problemas diários pois convive com deficientes que superam o inimaginável para ele e com isso aprende a ter mais controle sobre a sua vida.

Com relação a pessoa guiada afirmou que é difícil pois precisa estabelecer um relacionamento e como é guia voluntário Corpore atua mais intensamente em competições então relatou alguns casos especiais onde existe a necessidade de convencimento do atleta guiado a ser conduzido por ele pois como afirmou diversas vezes o guia é os olhos do atleta em tudo.

O mais complicado é a falta de entendimento das pessoas quanto a nossa atividade pois não acreditam que corremos com uma corda e querem as vezes tirar a corda e passar pelo meio e as vezes empurram e dão cotoveladas e afirmou “ não dá para acreditar que lá aquelas pessoas são seres humanos” é um total egoísmo, chegam até a tentar passar por baixo da corda que liga o guia ao cego apesar de estar escrito na camiseta do guia que é guia e do cego escrito cego.

O mais importante no trabalho é a inclusão social segundo o guia, pois o governo não faz a parte dele e a família também é outra barreira chegam a



acorrentar o atleta em casa por acharem que eles são uns coitados e sem condições para nada.

Por outro lado o trabalho é bem visto e parabenizado algumas vezes durante a corridas alguns cumprimentam e dão os parabéns e outros ficam chocados e acham estranho. Na Corpore a doutrina é ficar no anonimato.

Quanto aos problemas de lesões e fadiga bem como corridas longas o guia afirmou que antes deve estudar o percurso e ver se tem condições ou não de fazer e quando sim deve ter certeza que tudo correrá bem sem surpresas.

## **ANEXO 9**

### **ENTREVISTA 4**

#### **1. Dados de identificação**

Data: 30.04.2008

Nome (apenas iniciais): N.O

Sexo: Masculino

Idade: 44 anos

Grau de Instrução: Superior Completo

Profissão: Consultor em Gestão de Qualidade e meio ambiente

Tempo que exerce a atividade de Guia: 3 anos

Quantas vezes por semana: 02 dias de treino e em competições

Qual instituição: CORPORE

#### **2. Entrevista realizada com o guia**

*1. Fale-me sobre seu trabalho, considerando como vê e como chegou e o que mantém?*

Sim é uma forma do cidadão ao mesmo tempo assim.... em grupo no caso da Corpore, Corredores Paulistas reunidos , é uma forma individual de ter uma atuação social, Corpore não incentiva pessoalmente espera que a motivação seja natural, você pede para participar do programa de guia voluntario é uma coisa que é de fórum intimo, mas saber que o poder publico é ineficaz em uma serie de coisas, o poder fala muito em inclusão social mas só tem discurso não vemos e não vemos na pratica ações concretas. Existe uma serie de atletas com

deficiência visual amputados e deficientes mentais e cadeirantes e eles ficam presos em suas casas, nem sequer vão em escolas as famílias não deixam, muitas vezes fica aquela coisa de pequeninho, coitado ele tem problemas e no nosso caso incentivamos a prática de esporte e mostrando que é possível. Vou dar um exemplo de como é um cego, você é os olhos daquela pessoa, (repetiu) você é os olhos daquela pessoa, você é o protetor daquela pessoa naquele momento você tem que estar preparado para protegê-lo dos riscos que tem uma corrida, pois uma corrida pode acontecer de tudo, uma queda, uma lesão mais grave e o atleta pode ter uma indisposição e você tem que estar preparado para prestar os primeiros socorros é aquela coisa de você, de sentir.. pois muitas vezes ele não fala e não consegue expressar com palavras, mas você olha pra ele e você percebe isso é um trabalho social que eu decidi desenvolver por conta minha, quero perpetuar e é uma coisa que a cada corrida você cruza uma linha de chegada com o portador de deficiência visual aquilo te dá mais garra de viver, motiva mais a sua vida, te dá energia te dá força por que ali você sente na prática que uma pessoa com todas as limitações possíveis e imagináveis o quanto ele supera, e com isso aprendo a ter mais controle na minha vida pois a medida que tenho contato com o atleta e faz uma série de atividades você que espera aí um grau de classificação de problemas você revisa, pois coisas que você dava um determinado grau você pensa! Isso não é problema, isso não é nada, isso é algo para resolver o problema.

*2. Conte-me como no seu trabalho acontece o relacionamento com a pessoa guiada?*

É difícil, é difícil não que você não consegue se relacionar mas é difícil desde o primeiro contato porque via de regra nas provas da Corpore nós não temos um atleta que sempre corre comigo é o que nós estamos mudando e interessante que um determinado atleta no caso da D... é interessante que ela tenha um controle, ela tem conflitos internos com ela, ela tem uma determinada postura, ela tem um jeito de ser, que acontece; Ela já se abriu ela me permite, ela se entrega a mim durante a corrida no momento que a gente coloca a cordinha ali ela se sente bem, ela tem confiança no guia que está ao lado dela, mas é difícil para o guia quebrar essa barreira, por mais receptivo que o atleta seja ele tem

receios, existem barreiras então os primeiros minutos desde antes de começar a corrida. A largada que é um momento de tensão, muita tensão é como uma largada de fórmula 1, é o momento mais crítico de uma corrida, é a largada e são momentos difíceis pois tem muita gente abordando o atleta, primeiro; tenho que quebrar essas barreiras que afetam o desempenho da corrida pois corrida não é só força e energia, preparo físico mas é mente, a mente tem que estar muito melhor do que o físico, você tem um pouquinho mais de dificuldade às vezes. Eu tive uma experiência com uma senhora de uns quarenta anos de idade que vinha de Santos, e o que aconteceu, ela veio correr e veio com uma guia dela que treinavam durante a semana e é sempre a mesma pessoa que leva ela as corridas e elas já se conhecem há muito tempo e são mulheres as duas, e tem esse outro lado ambos os sexos, então as duas tem um vínculo muito grande, então o que aconteceu! Por volta do meio da corrida a guia começou a passar mal e a guia não aceitava muito essa coisa dos guias da Corpore pois na Corpore ninguém pode correr sozinho, sempre tem um guia da Corpore acompanhando e então a guia passou mal teve uma indisposição mas foi lutando para não deixar a atleta dela e ai uma hora que ela passou mal mesmo ela tirou a cordinha que une ela ao atleta e colocou na minha mão, eu estava do lado, e disse: “Corre com ela”, e disse para mim: “Guia ela até o final”. Eu até assustei, mas ela disse que não estava passando bem e estava legal, apenas indisposição e disse para mim: “Fica tranqüilo, eu encontro vocês na chegada, no fim do tapete”. Falei: “tudo bem”, agora a atleta ficou reclamando dizendo para a guia “Se você vai parar eu também vou parar!”, e ela (guia): “Não, não, se você chegou até aqui você vai acabar, você vai correr com o N.... ele vai te levar, ta, antes de vocês chegarem eu já vou ver vocês de longe fique tranqüila eu vou estar te esperando mas a deficiente visual dizia: “Eu não vou, eu não vou” e já começou a diminuir a velocidade, e a guia não estava conseguindo nem falar pois não estava passando bem ai eu falei vamos lá, vamos correndo, ela vai estar lá esperando a gente, e nós já passamos a metade da corrida, ai eu disse em quinze minutos você vai encontrar com ela fique tranqüila nesse ponto ela ficou séria e continuou correndo, (ela, a atleta dizia) será que ela está bem? Fique tranqüila, eu dizia nós já estamos chegando e aí ela se animou, e começou a perguntar quantos

quilômetros já fizemos aí eu falei foi tanto então a atleta disse vamos ter que acelerar pois eu fiz uma aposta com o meu colega, um outro cego e aí ela já se soltou e a gente acabou a prova numa boa. Então tem situações que são bem complicadas, com o cego é mais difícil pois vai do poder da sua capacidade de convencimento o cego para guiar é mais fácil do que o deficiente mental pois o cego não altera constantemente o seu comportamento e o deficiente mental altera de repente. Qual foi a aposta? Um lanche no Mc Donalds, normalmente fazem essas apostas pequenas, as vezes um cafezinho, são coisas bem simples e simbólicas.

*3. Em sua opinião o que você considera mais importante ou interessante no seu trabalho?*

É justamente em termos práticos incentivar a inclusão social dar a oportunidade que a própria família impede chegando até prender o deficiente em casa chegando até ser as vezes com correntes, pois acho eles uns coitados, não sabem se virar no mundo então deixam eles presos e aí nós incentivamos essas pessoas e acabam até como atleta de elite

*4. O que há de mais complicado?*

Primeiro; nós conduzimos o atleta ele que nos conduz, é algo que monitoramos muito nos guias, é ideal que o guia tenha um ritmo um pouco melhor que o atleta, temos que ter preparo físico, tem que ter e sempre estar preparado além da tua capacidade para superar situações adversas. Segundo ; ééé vamos chamar de total falta de respeito dos participantes da prova, é incrível, é incrível, você tem que ter sempre uma moeda de dois lados, vamos começar com o lado bom tem aqueles que a gente tá correndo ligado ao atleta com deficiência, a gente está concentrado com o ritmo da corrida, as pessoas passam pelo nosso lado e apertam a nossa mão e dão os parabéns, agora tem aqueles que querem passar pelo meio onde eu estou ligado pela corda tentam tirar a corda do meu braço e forçam a passagem alguns levantam o braço para passar por baixo entre eu e o atleta, dão cotovelada, eu mesmo durante uma prova não foi uma nem duas vezes eu levei cotoveladas, pois o corredor não entende e quer passar a força chegando a agressão e mesmo a gente com a camiseta explicativa de guia

voluntario escrito, e o cego tem escrito na camiseta “cego” e precisa de uma atenção especial o que eles não entendem são egoístas, então em um evento que estamos lidando com saúde e qualidade de vida convívio social e inclusão temos problemas existe provas com dez mil participantes ou seja um numero considerável de seres humanos temos uns com atitudes desumanas.

*5. E com as outras pessoas, como é visto o seu trabalho?*

Isso é bem curioso, quando alguém fica sabendo desse trabalho então a primeira reação percebo pelo rosto, cara de espanto, primeiro porque dizem que não sabiam que tinha isso mas nós guias da Corpore ficamos no anonimato pois o ator é o atleta mas as pessoas depois que ficam sabendo que tipo de atleta você conduz a pessoa se imagina ela cega e acha que nunca um cego vai correr, pois se tiver um buraco ela vai cair lá, então eu digo a gente vê o buraco e consegue desviar o cego desses buracos por exemplo para a gente fazer uma curva é automático para o vidente mas para o cego é diferente, pois eu falo o tempo todo dessa forma; direita continue a direita e as outras pessoas vêem e acham estranho e ficam chocadas. O sincronismo é um ritmo não é todo mundo que consegue correr guiando um cego porque as particularidades de você guiar uma pessoa com deficiência visual são diferentes, quanto ao posicionamento de braço né por exemplo; se o cego está com todo o braço levantado o tempo todo você tem que ficar no ritmo deles ou fazer a correção de postura temos que verificar a passada, assim o sincronismo de braços passada e velocidade tem que ser administrado nos vários trechos da corrida pois nem sempre os trechos são planos temos subidas e descidas pois para subir você tem que mudar o ritmo e para descer outro ritmo sendo que a descida é a mais perigosa não é como todos dizem que para descer todo santo ajuda então na descida poderemos ter acidentes gravíssimos lesões, etc.

*6. Como fica a motivação nas corridas longas e as lesões?*

O que acontece toda corrida tem que existir um planejamento, primeiro é de quem organiza a prova, agora você quando vai participar da prova você tem que conhecer o traçado e quilometragem, e você tem que fazer a pergunta, tem condições de fazer isto? E a resposta deverá ser sim ou não. No caso de sim

tenho que saber qual ritmo tenho que estabelecer uma velocidade por km minuto. Eu só vou acompanhar um atleta se tenho condições, a minha experiência me ensinou que eu tenho que estar um pouquinho melhor. O meu objetivo é começar correr e completar o percurso e acabar bem a corrida tendo tudo isso essa motivação e se você tem lesão como aconteceu comigo dar uma pisada meio torta uma de distensão devido não ter feito o alongamento correto, mas você tem aquela missão, “eu comecei essa corrida com este atleta e preciso acabar com ele”, pois ele está em minhas mãos ele é totalmente dependente de mim o momento que a gente cruzar a linha de chegada e ele e eu voltarmos para o convívio familiar e aí eu passo a responsabilidade. Então necessitamos de planejamento, também pensar nas condições climáticas, por exemplo; nós temos uma corrida no centro histórico numa época que o tempo está frio então você tem que estar preparado para isso. Com relação ao pique do atleta ele não cai de forma alguma muito pelo contrário a garra que eles tem a cada minuto que você corre a garra aumenta mais eles tem uma energia interior que eu não sei de onde eles tiram e se você falar vamos correr mais agora e por mais que você perceba que ele está cansado demonstrando sinais de fadiga e você diz vamos acelerar ele vai acelerar pode ser que ele não agüente mas ele vai acelerar. Quando você está guiando, você se sente um técnico, um treinador ou apenas um guia? Tudo, tudo isso e mais uma coisa amigo um amigo né amigo no sentido mais sublime da palavra, amigo alguém que eu quero bem, alguém que não precisa falar eu sou seu amigo, pois sabe que eu sou amigo não precisa falar e naturalmente se um dia você precisar de um auxílio não precisa me pedir e naturalmente você vai ter duas mãos estendidas então é nesse sentido é uma coisa de cumplicidade.

## ANEXO 10

Lei do Voluntariado nº 9608 de a12.02.98

Dispõe sobre o serviço voluntario e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPUBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

Parágrafo único: O serviço voluntario não gera vinculo empregatício nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

Art. 2º - O serviço voluntario será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntario, dele devendo constar o objeto e as condições do seu serviço.

Art. 3º - O prestador do serviço voluntario poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividade voluntarias.

Parágrafo Único: As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntario.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam,se as disposições em contrario.

Brasília, 18 de fevereiro de 1998; 177º da Independência e 110º da Republica.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO